

Hilda Hilst



A OBSCENA SENHORA D

DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe [Le Livros](#) e seus diversos parceiros, com o objetivo de oferecer conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

Sobre nós:

O [Le Livros](#) e seus parceiros disponibilizam conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: [LeLivros.site](#) ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados [neste link](#)

"Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não mais lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade poderá enfim evoluir a um novo nível."



A OBSCENA SENHORA D

Obras reunidas de Hilda Hilst
Organização e plano de edição:
Alcir Pécora

*PROSA: A OBSCENA SENHORA D/ CARTAS DE
UM SEDUTOR/ KADOSH/ CONTOS D'ESCÁRNIO.
TEXTOS GROTESCOS/ FLUXO-FLOEMA/
RÚTILOS/ TU NÃO TE MOVES DE TI/ O
CADERNO ROSA DE LORI LAMBY/ COM OS
MEUS OLHOS DE CÃO/ ESTAR SENDO, TER
SIDO/ CASCOS E CARÍCIAS. POESIA: JÚBILO,
MEMÓRIA, NOVICIADO DA PAIXÃO/
BUFÓLICAS/ CANTARES/ EXERCÍCIOS/ DA
MORTE. ODES MÍNIMAS/ BALADAS/ DO
DESEJO/ POEMAS MALDITOS, GOZOSOS E
DEVOTOS. TEATRO: TEATRO COMPLETO*

Hilda Hilst
A OBSCENA SENHORA D



Copyright © 2001 by Hilda Hilst

Todos os direitos reservados. Nenhuma parte desta edição pode ser utilizada ou reproduzida – em qualquer meio ou forma, seja mecânico ou eletrônico, fotocópia, gravação etc. – nem apropriada ou estocada em sistema de bancos de dados sem a expressa autorização da editora.

*Consultoria e estabelecimento de texto,
cronologia e bibliografia:* Edson Costa Duarte
e José Luís Mora Fuentes

Revisão: Irene Hikichi, Beatriz de Freitas Moreira
e Ronald Polito (bibliografia)

Capa: Inc. Design Editorial

Foto de contracapa: © Eduardo Simões / Caderno de
Literatura Brasileira / Acervo do Instituto Moreira Salles

Produção para ebook: Fábrica de Pixel

1.^a edição, 2001

4.^a reimpressão, 2011

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Hilst, Hilda

A obscena senhora D / Hilda Hilst ; [organização Alcir Pécora]. – São Paulo : Globo, 2001.

363 kb; ePUB

ISBN 978-85-250-5180-6

1. Romance brasileiro I. Pécora, Alcir II. Título

01-5335

CDD-869.935

Índices para catálogo sistemático:

1. Romances : Século 20 : Literatura brasileira 869.935
2. Século 20 : Romances : Literatura brasileira 869.935

Direitos de edição em língua portuguesa

adquiridos por Editora Globo S. A.
Av. Jaguaré, 1485 – 05346-902 – São Paulo, SP
www.globolivros.com.br

Sumário

[Capa](#)

[Folha de rosto](#)

[Créditos](#)

[Dedicatória](#)

[Nota do organizador](#)

[A obscena senhora D](#)

[Obras publicadas de Hilda Hilst](#)

[Bibliografia selecionada sobre Hilda Hilst](#)

[Cronologia](#)

Respiro e persigo
uma luz de outras vidas.

E ainda que as janelas se fechem, meu pai
É certo que amanhece.

*Dedico este trabalho,
assim como o anterior, Da morte. Odes mínimas,
e também meus trabalhos futuros (se os houver)
à memória de Ernest Becker,
por quem sinto incontida veemente apaixonada
admiração.
H. H.*

NOTA DO ORGANIZADOR

QUANDO ME COUBE O PLANO DE EDIÇÃO da obra de Hilda Hilst, pela editora Globo, jamais duvidei de que *A obscena senhora D* fosse o livro certo para dar largada às publicações. Uma pancada justa, certa, para apresentá-la sem meias medidas aos leitores potenciais, capazes dela. Mas se é verdade que, antes de aplicar ao caso qualquer critério pensado, tive tal convicção do lugar de *pórtico* deste livro, publicado originalmente em 1982, agora cumpre imaginar razões verossímeis para esta certeza. Mas digo, desde já, que é enganoso supor que o livro se destaque como especialmente superior entre os demais textos em prosa de Hilda Hilst. Certamente está entre os grandes, mas esta é uma obra extraordinária, em seu conjunto: literatura de raça mesmo.

Não desisto, contudo, de encontrar argumentos para a escolha. Creio que a precedência possa ser justificada, em primeiro lugar, porque *A obscena senhora D* representa um momento de perfeito equilíbrio de desempenho, no qual se cruzam todos os grandes temas e registros da prosa de ficção que Hilda Hilst vinha praticando desde o início dos anos 70. Estão aí, por exemplo, os votos amorosos, sinceros, terrenamente sensuais, até os extremos dramáticos de despojamento em favor do outro pelo bem dele mesmo; as inquietações metafísicas mais sanguíneas e arrebatadas, como as dúvidas teológicas mais rigorosamente inteligentes, nascidas muitas vezes como questões do corpo, mas perdidas já de seu caminho, desviadas de todo hábito, pisando num terreno em que o método aporético tanto pode ser loucura quanto ciência. Estão aí, também, a ironia obscena e visceralmente política, que reduz à evidência chocante a mediocridade do bom-mocismo, a mesquinhez travestida de prudência, a vigilância da vizinhança burra, disposta a barbarizar até a morte para garantir a homogeneidade do senso comum, senhor do mundo. Está aí igualmente o humor negríssimo, que repassa desde o ridículo hilariante e caricato à fantasia mais desvairada; do quebra-cabeça *nonsense* à exacerbação asquerosa, escatológica, malvada, bestialógica, mas, na mesma proporção, cheia de viço, de juvenilidade energética e excessiva. Aí, ainda, encontram-se as alusões literárias, vitais; o

repertório largo de recursos estilísticos, aplicados com domínio e licença, até atingir a ruptura do emprego seguro ou conhecido; o desejo das palavras exatas, surgidas da violência, e, por vezes, da violação, da gramática.

Mas há ainda um segundo argumento plausível de inventar. *A obscena senhora D* faz jus a ser liminar de todos os outros livros de prosa de Hilda Hilst porque organiza, numa unidade coesa, bem ajustada em suas partes, os registros e dicções presentes também nos dois outros principais gêneros praticados com maestria por ela: a poesia e o teatro. No primeiro caso, afora o que se dá manifestamente como poesia dentro do texto, e neste romance não há quase nada, o próprio andamento narrativo, que mescla os diálogos aos fluxos de consciência, atinge ritmos poéticos precisos, requintes de cursivo. Em relação ao teatro, a despeito da complexidade da mistura a que aludi acima, os fluxos ditos de consciência não negam a potência dramática dos diálogos. Ao contrário, encenam disputas que não são apenas pessoais ou subjetivas, funduras recalçadas ou esquizofrênicas, mas igualmente caracteres, temperamentos agônicos em confronto, desconcertos de extremos. De modo algum me parece acaso que *A obscena senhora D* tenha recebido mais de uma bem sucedida adaptação teatral. Assim, não temo errar em minha escolha. Apenas invejo ao leitor o terrível gosto de poder ler, quiçá pela primeira vez, a prosa de Hilda Hilst.

ALCIR PÉCORA

Professor de teoria literária na Unicamp

Para poder morrer
Guardo insultos e agulhas
Entre as sedas do luto.

Para poder morrer
Desarmo as armadilhas
Me estendo entre as paredes
Derruídas.

Para poder morrer
Visto as cambraias
E apascento os olhos
Para novas vidas.
Para poder morrer apeteçida
Me cubro de promessas
Da memória.

Porque assim é preciso
Para que tu vivas.

VI-ME AFASTADA DO CENTRO de alguma coisa que não sei dar nome, nem porisso irei à sacristia, teófaga incestuosa, isso não, eu Hillé também chamada por Ehud A Senhora D, eu Nada, eu Nome de Ninguém, eu à procura da luz numa cegueira silenciosa, sessenta anos à procura do sentido das coisas. Derrelição Ehud me dizia, Derrelição – pela última vez Hillé, Derrelição quer dizer desamparo, abandono, e porque me perguntas a cada dia e não reténs, daqui por diante te chamo A Senhora D. D de Derrelição, ouviu? Desamparo, Abandono, desde sempre a alma em vaziez, buscava nomes, tasteava cantos, vincos, acariciava dobras, quem sabe se nos frisos, nos fios, nas torçuras, no fundo das calças, nos nós, nos visíveis cotidianos, no ínfimo absurdo, nos mínimos, um dia a luz, o entender de nós todos o destino, um dia vou compreender, Ehud compreender o quê?

isso de vida e morte, esses porquês

escute, Senhora D, se ao invés desses tratos com o divino, desses luxos do pensamento, tu me fizesses um café, hen? E apalpava, escorria os dedos na minha anca, nas coxas, encostava a boca nos pelos, no meu mais fundo, dura boca de Ehud, fina úmida e aberta se me tocava, eu dizia olhe espere, queria tanto te falar, não, não faz agora, Ehud, por favor, queria te falar, te falar da morte de Ivan Ilitch, da solidão desse homem, desses nadas do dia a dia que vão consumindo a melhor parte de nós, queria te falar do fardo quando envelhecemos, do desaparecimento, dessa coisa que não existe mas é crua, é viva, o Tempo. Agora que Ehud morreu vai ser mais difícil viver no vão da escada, há um ano atrás quando ele ainda vivia, quando tomei este lugar da casa, algumas palavras ainda, ele subindo as escadas

Senhora D, é definitivo isso de morar no vão da escada? você está me ouvindo Hillé? olhe, não quero te aborrecer, mas a resposta não está aí, ouviu? nem no vão da escada, nem no primeiro degrau aqui de cima, será que você não entende que não há resposta? Não, não compreendia nem compreendo, no sopro de alguém, num hálito, num olho mais convulsivo, num grito, num passo dado em falso, no cheiro quem sabe de coisas secas, de estrume, um dia um dia um dia

Quando Ehud morreu morreram também os peixes do pequeno aquário, então recortei dois peixes pardos de papel, estão comigo aqui no vão da escada, no aquário dentro d'água, não os mesmos, a cada semana recorto novos peixes de papel pardo, não quero mais ver coisa muito viva, peixes lustrosos não, nem gerânios maçãs romãs, nem sumos, suculências, nem laranjas

Engolia o corpo de Deus a cada mês, não como quem engole ervilhas ou roscas ou sabres, engolia o corpo de Deus como quem sabe que engole o Mais, o Todo, o Incomensurável, por não acreditar na finitude me perdia no absoluto infinito te deita, te abre, finge que não quer mas quer, me dá tua mão, te toca, vê? está toda molhada, então Hillé, abre, me abraça, me agrada

Engolia o corpo de Deus, devo continuar engolia porque acreditava, mas nem porisso compreendia, olhava o porco-mundo e pensava: Aquele nada tem a ver com isso, Este aqui dentro nada tem a ver com isso, Este, O Luminoso, O Vívido, O Nome, engolia fundo, salivosa lambendo e pedia: que eu possa compreender, só isso. Só isso, Senhora D? Compreender o jogo brinquedo do Menino Louco, pensa um pouco, Hillé, pensa no sinistro lazer de uma criança louca, ou pensa em crianças brincando com gatinhos, com ratos, com tristes cadelas vadias, ó vinde a mim as criancinhas, que sabemos nós de criancinhas? Como pôde dizer isso, ele que dizia que muito sabia?

Casa da Porca, assim chamam agora a minha casa, fiquei mulher desse Porco-Menino Construtor do Mundo, abro a janela nuns urros compassados, espalho roucos palavrões, giro as órbitas atrás da máscara, não lhes falei que recorto uns ovais feitos de estopa, ajusto-os na cara e desenho sobranceiras negras, olhos, bocas brancas abertas? Há máscaras de flocagem e espinhos amarelos (canudos de papelão, pintados pregos), há uma máscara de ferrugem e esterco, a boca cheia de dentes, há uma desastrada lembrança de mim mesma, alguém-mulher querendo compreender a penumbra, a crueldade – quadrados negros pontilhados de negro – alguém-mulher caminhando levíssima entre as gentes, olhando fixamente as caras, detendo-se no aquoso das córneas, no maldito brilho

Hillé, andam estranhando teu jeito de olhar
que jeito?

você sabe

é que não compreendo

não compreende o quê?

não compreendo o olho, e tento chegar perto.

Também não compreendo o corpo, essa armadilha, nem a sangrenta lógica dos dias, nem os rostos que me olham nesta vila onde moro, o que é casa, conceito, o que são as pernas, o que é ir e vir, para onde EHUD, o que são essas senhoras velhas, os ganidos da infância, os homens curvos, o que pensam de si mesmos os tolos, as crianças, o que é pensar, o que é nítido, sonoro, o que é som, trinado, urro, grito, o que é asa hen? Lixo as unhas no escuro, escuto, estou encostada à parede no vão da escada, escuto-me a mim mesma, há uns vivos lá dentro além da palavra, expressam-se mas não compreendo, pulsam, respiram, há um código no centro, um grande umbigo, dilata-se, tenta falar comigo, espio-me curvada, winds flowers astonished birds, my name is Hillé, mein name madame D, EHUD is my husband, mio marido, mi hombre, o que é um homem?

escuta, Hillé, aqui na vila, está me ouvindo Senhora D?

sim

então escuta, aqui na vila me perguntam por você todos os dias, eles me veem trazer o leite, a carne, as flores que eu te trago, querem saber o porquê das janelas fechadas, tento explicar que a Senhora D é um pouco complicada, tenta,

Hillé, algumas vezes lhes dizer alguma palavra, você está me ouvindo? ando cheio dos sussurros, das portas entreabertas quando passo pela rua, ando cheio, está me ouvindo? te amo, Hillé, está escutando?

sim

olhe, esse teu fechado tem muito a ver com o corpo, as pessoas precisam foder, ouviu Hillé? te amo, ouviu? antes de você escolher esse maldito vão da escada, nós fodíamos, não fodíamos Senhora D?

sim

e você gostava. me lembro das noites que você fazia o café, depois o roupão branco, teus peitos apareciam, eles não caíram os teus peitos, o que é que você faz, hen? escute Senhora D, estou descendo a escada, bem devagar, está ouvindo os meus passos?

sim

então estou descendo, escuta, também posso foder nesse ridículo vão de escada não venha, Ehud, posso fazer o café, o roupão branco está aqui, os peitos não caíram, é assustador até, mas não venha, Ehud, não posso dispor do que não conheço, não sei o que é corpo mãos boca sexo, não sei nada de você Ehud a não ser isso de estar sentado agora no degrau da escada, isso de me dizer palavras, nunca soube nada, é isso nunca soube

você se deitava comigo, mesmo não sabendo

sim

perguntando sempre mas deitava.

sim

quer dizer que nunca mais a gente vai meter?

não sei

Vai voltando ao quarto, vai subindo as escadas, é ereto, magro, longilíneo, as sobrancelhas eriçadas, coça com o indicador a bochecha pálida, o mesmo gesto de menino, há um traço rosado nesse pequeno espaço, a bochecha pálida e um traço, um lustro. Cicatriz. Um gato. E o que quer dizer isso de Ehud não estar mais? O que significa estar morto? O traço, a fita mínima na bochecha pálida, o lustro encontrou outro rosto? Estar morto. Se Ehud Foi algum dia, continua sendo, se não Foi, NUNCA SERIA, mas antes de ser Ehud não era, e então depois Foi não sendo? As horas. Êxtase. Secura. Ardi diante do lá fora, bebi o ar, as cores, as nuances, parei de respirar diante de uns ocre, umas fibras de folha, uns pardos pequeninos, umas plumas que caíam do telhado, branco-cinza, cinza-pedra, cinza-metal espelhado, e tendo visto, tendo sido quem fui, sou esta agora? Como foi possível ter sido Hillé, vasta, afundando os dedos na matéria do mundo, e tendo sido, perder essa que era, e ser hoje quem é?

Quem a mim me nomeia o mundo? Estar aqui no existir da Terra, nascer, decifrar-se, aprender a deles adequada linguagem, estar bem não estou bem, Ehud

ninguém está bem, estamos todos morrendo

Antes havia ilusões não havia? Morávamos nas ilusões. Ehud, e se eu costurasse máscaras de seda, ajustadas, elegantes, por exemplo, se eu estivesse serena sairia com a máscara da serenidade, leve, pequenas pinceladas, um meio sorriso, todos os que estivessem serenos usariam a mesma máscara, máscaras de ódio, de não disponibilidade, máscaras de luto, máscaras do não pacto, não seria preciso perguntar vai bem como vai etc., tudo estaria na cara

Não pacto com as gentes, com o mundo, não há um sol de ouro no lá fora, procuro a caminhada sem fim, te procuro, vômito, Menino-Porco, ando galopando desde sempre búfalo zebu girafa, derepente despenco sobre as quatro patas e me afundo nos capins resfolegando, sou um grande animal, úmido, lúcido, te procuro ainda, agora não articulo, também não sou mudo, uns urros, uns finos fortes escapam da garganta, agora eu búfalo mergulho, uns escuros Senhora D, a viva compreensão da vida é segurar o coração. me faz um café

E nos escuros, eu búfalo não temo, sou senhor de mim, não sei o que é escuro mas estou amoldado, a água nos costados, deslizo para dentro de mim, encantamento de um focinho de águas, nem te pressinto, vibro as patas, sou senhor do meu corpo, um grande corpo duro, eu búfalo sei da morte? eu búfalo rastejo o infinito?

segurar o coração foi isso que você disse?

e pedi um café também

um dia me disseram: as suas obsessões metafísicas não nos interessam, senhora D, vamos falar do homem aqui agora. que inteligentes essas pessoas, que modernas, que grande cu aceso diante dos movietones, notícias quentinhas, torpes, dois ou três modernos controlando o mundo, o ouro saindo pelos desodorizados buracos, logorreia vibrante moderníssima, que descontração, um cruzar de pernas tão à vontade diante do vídeo, alma chiii morte chiii, falemos do aqui agora.

falando sozinha senhora D? sabe, Hillé, você deve ver as pessoas, você deve foder comigo, deve se arrumar um pouco, outro dia vi uma saia longa dessas que você usa mas tão linda, uns frisos escarlates, o tecido amanteigado púrpura, entrei na loja e pensei comprá-la, a mocinha disse ficará lindo na sua senhora, ela é alta? magra? eu disse bem, nem muito alta nem muito magra, é loira, tem sardas, não podia falar dos teus peitos duros mas falei tem um lindo busto, ah isso falei, aliás observação inútil em relação à saia, mas falei, então se é loira, senhor, vai ficar adorável nesses tons, ia comprar mas aí vi pequenos esgarçados, tocando o tecido dava a impressão de que estava tostado do sol das vitrinas, parecia velho de perto, coisa usada, então não quis, mas deve haver outras, hen, não gostarias?

Se sou zebu também caminho aos bandos, sou triste de olhar, quero dizer que não terá muita luz no olho se me olhares, a cabeça procura sempre o chão, o beijo

quer o verde sempre, se levanto a cabeça olho como quem não vê, procuro como quem não procura, corro se os outros correm ouvindo a voz do homem he boi he boi, que coisa crua empedrada a voz do homem, que cheiro o cheiro do homem, sendo girafa olho alto, estufo de langores, sobrepasso, sendo girafa no vão da escada encolho, franzida me agacho, sendo girafa te procuro mais perto, lambedura acontecível isso de Hillé ser búfalo zebu girafa, acontecível isso de alguém ser muito ao mesmo tempo nada, de olhar o mundo como quem descobre o novo, o nojo, o acogulado, e olhando assim ainda ter o olho adíafano, impermissível, opaco

senhora D, senhora D, olhe, dois pãezinhos para a senhora, fui eu mesma que fiz, sou sua vizinha, se lembra? olhe senhora D, não pode se trancar assim, a morte é coisa que não se pode dar jeito, né, o senhor EHUD ficaria triste lhe vendo assim, tá morto né, a morte vem pra todos, a senhora também podia colaborar com a vizinhança né, essas caras que a senhora anda pondo quando resolve abrir a janela assustam minhas crianças, ai ai senhora D não faz assim agora, isso é coisa de mulher desavergonhada, ai que é isso madona, tá mostrando as vergonhas pra mim, ai ó Antônia, ó Tunico, só quis dar o pão pra ela e olha como ficou, tá pelada, ai gente, embirutou, credo nossa senhora, é caso de polícia essa mulher

quem te mandou, Luzia, entrar na casa da mulher, hen, quem te mandou? se ela ficou pelada tá na casa dela, volta pra casa mulher, que pão que nada, não tá vendo que o demo tomou conta da mulher? porca, exibida cadela, ainda bem que é só no pardieiro dela que mostra as vergonhas

é nada, e as caretonas que exhibe na janela, alguém tem o direito de assustar os outros assim?

he he Luzia, teu traseiro também assusta muita gente

teu cu também, tua faccia

tua boca repelente sem dente também

credo a vizinhança endoidou

olha a freira passando

olha o doutor com a madama dele

olha o cuzaço da madama do doutor

Diante da vila, das casas quase coladas, entre as gentes sou como uma grande porca acinzentada, diante de muitos a quem conheci sou uma pequena porca ruiva, perguntante, rodeando mesas e cantos, focinhando carne e ossatura, tentando chegar perto do macio, do esconso, do branco luzidio do teu osso, diante de minha mãe fui apenas pergunta, altaneria, paradoxo, Hillé diante do pai foi o segredo, a escuta, a concha, o que é paixão? o que é sombra? eu mesmo te pergunto e eu mesmo te respondo: Hillé, paixão é a grossa artéria jorrando volúpia e ilusão, é a boca que pronuncia o mundo, púrpura sobre a tua camada de emoções, escarlate sobre a tua vida, paixão é esse aberto do teu peito, e também

teu deserto. E sombra, Hillé, é nosso passo, nossa desesperançada subida. E para EHUD, Hillé, foi apenas uma letra D, primeira letra de Derrelição, doce curva comprimindo uma haste, verticalidade sempre reprimida, cancela, trinco, toscos cadeados. Textos, palavras, e de repente a mão do Porco-Menino me entupindo a boca de terra, de cascalho, de palha. Engasgo neste abismo, cresci procurando, olhava o olho dos bichos frente ao sol, degraus da velha escada, olhava encostada, meu olho naquele olho, e via perguntas boiando naquelas aguaduras, outras desde há muito mortas sedimentando aquele olho, e entrava no corpo do cavalo, do porco, do cachorro, segurava então minha própria cara e chorava que foi Hillé?

o olho dos bichos, mãe

que é que tem o olho dos bichos?

o olho dos bichos é uma pergunta morta.

E depois vi os olhos dos homens, fúria e pompa, e mil perguntas mortas e pombas rodeando um oco e vi um túnel extenso forrado de penugem, asas e olhos, caminhei dentro do olho dos homens, um mugido de medos garras sangrentas segurando ouro, geografias do nada, frias, álgidas, vórtice de gentes, os beiços secos, as costelas à mostra, e rodeando o vórtice homens engalanados fraque e cartola, de seus peitos duros saíam palavras Mentira, Engodo, Morte, Hipocrisia, vi o Porco-Menino estremecendo de gozo vendo o Todo, suas mãozinhas moles reverberavam no cinza oleoso, ele estendia os dedos miúdos para o alto, procurava quem? Seu irmão gêmeo, estático, os olhos cegos em direção ao próprio peito, a cabeça pendida, o corpo perolado, excrescência e nácar.

Venho, Senhora D, a pedido da vila, a confissão, a comunhão, não quer? meu nome é

de onde vem o Mal, senhor?

mysterium iniquitatis, Senhora D, há milênios lutamos com a resposta, coexistem bons e maus, o corpo do Mal é separado do divino.

quem criou o corpo do Mal?

Senhora D, o Mal não foi criado, fez-se, arde como ferro em brasa, e quando quer esfria, é gelo, neve, tem muitas máscaras, por sinal, não gostaria de se desfazer das suas, e trazer a paz de volta à vizinhança?

e como é o corpo do Mal?

de escuridão e ouro

só tenho coisas baças, peixes pardos, frutas secas, sacos, ferrugem, esterco e meu próprio barro: a carne.

por que fecha sempre as janelas?

e por que devo abri-las?

e por que as abre de repente e assusta as gentes e grita?

o corpo é quem grita esses vazios tristes

por que não alimenta o corpo com benquerença, aceitando o agrado dos outros?

porque o corpo está morto

e a alma?

a alma é hóspede da Terra, procura e te olha os olhos agora, e te vê cheio de perguntas

sou um homem como outro qualquer, Senhora D

então rua rua, fora, despacha-te homem como outro qualquer

Abro a janela enquanto ele se afasta, invento rouquidões, grunhidos coxos, uso a máscara de focinhez e espinhos amarelos (canudos de papelão, pintados pregos), respingo um molho de palavrões, torpes, eruditos, pesados como calcários alguns, outros finos pontudos, lívidos, grossos como mourões pra segurar touros nervosos, secos como o sexo das velhas, molhados como o das jovens cadelas, fulgurosos encachoeirados num luxo de drapejamento, esgoelo, e toda vizinhança se afasta da janela, vagidos de criança, roncoss, latidos, depois com estrondo me fecho. Deito sobre a palha no meu vão de escada, toco dentro das águas os peixes pardos, esfarelam-se, é preciso recortar os novos, talvez deva usar um papel mais encorpado para resistirem mais tempo dentro d'água, o mundo, ah por que não me colocaram uma crosta calosa, ao invés da carne uma matéria de fibras muito duras, e esticadas e tesas, essas cordas do arco, justapostas, ligadas, Jonathas e David fundidos, cordas de outra carne, massa imbatível e viva sobre Hillé, iria suportar a caduquice do mundo, o soco, a selvageria, a bestialidade do século, a fetidez da terra, iria suportar até, com Jonathas e David fundidos sobre a carne, as retinas cruas, as córneas espelhadas, as mil perguntas mortas. Iria? suportaria guardar no peito esse reservatório de dejetos, estanque, gelatinoso, esse caminhar nítido para a morte, o vaidoso gesto sempre suspenso em ânsia para te alcançar, Menino-Porco? Suportaria o estar viva, recortada, um contorno incompreensível repetindo a cada dia passos, palavras, o olho sobre os livros, inúmeras verdades lançadas à privada, e mentiras imundas exibidas como verdades, e aparências do nada, repetições estéreis, farsas, o dia a dia do homem do meu século? e apesar dessa poeira de pó, de toda cegueira, do aborto dos dias, da não luz dentro da minha matéria, a imensa insuportável funda nostalgia de ter amado o gozo, a terra, a carne do outro, os pelos, o sal, o barco que me conduzia, umas manhãs de quietude e de conhecimento, umas tardes-amora brevíssimas espirrando sucos pela cara, rosada cara de juventude e vivez, e uma outra cara de mansa maturidade, absorvendo o que via, lenta, os ouvidos ouvindo sem ressentimento.

deverias ter casado com outro

por quê?

esses doutos, falantes, esses da filosofia, ai, devemos nos amar, Hillé, para sempre, eu te dizia: tu tens vinte agora, eu vinte e cinco, pensa tudo isso não vai voltar, não terás mais vinte nem eu vinte e cinco, teremos cinquenta cinquenta e cinco, e vais ficar triste de teres perdido o tempo com perguntas, pensa como

serás aos sessenta. eu estarei morto.

por quê?

causa mortis? acúmulo de perguntas de sua mulher Hillé.

Subíamos juntos os degraus desta mesma escada. a cama. o gozo. o ímpeto. depois sono e tranquilidade de Ehud. seus débeis sonhos? modéstia. humildade. e cólera muitas vezes: vida, morte, teu trânsito daqui pra lá, porra, esquece, segura meu caralho e esquece, te amo, louca. Bonito Ehud. Afilado, leve, caminhava de um jeito como se soubesse que encontraria tudo nos seus lugares certos, como se nele Ehud, morasse o Tempo, e Ehud o domasse. Por que me escolheu? Talvez porque no início pensasse que eu encontraria as respostas, e ele então saberia? você vai achar, Hillé, seja o que for que você procura.

como é que você sabe?

porque nada nem ninguém aguenta ser assim perseguido

o que é Derrelição, Ehud?

vem, vamos procurar juntos, Derrelição Derrelição, aqui está: do latim, derelictione, Abandono, é isso, Desamparo, Abandono. Por quê?

porque hoje li essa palavra e fiquei triste

triste? mesmo não sabendo o que queria dizer?

DERRELIÇÃO. não, não parece triste, talvez porque as duas primeiras sílabas lembrem derrota, e lição é sempre muito chato. não, não é triste, é até bonita. Desamparo, Abandono, assim é que nos deixaste. Porco-Menino, menino-porco, tu alhures algures acolá lá longe no alto aliors, no fundo cavucando, inventando sofisticadas maquinarias de carne, gozando o teu lazer: que o homem tenha um cérebro sim, mas que nunca alcance, que sinta amor sim mas nunca fique pleno, que intua sim meu existir mas que jamais conheça a raiz do meu mais ínfimo gesto, que sinta paroxismo de ódio e de pavor a tal ponto que se consuma e assim me liberte, que aos poucos deseje nunca mais procriar e coma o cu do outro, que rasteje faminto de todos os sentidos, que apodreça, homem, que apodreças, e decomposto, corpo vivo de vermes, depois urna de cinza, que os teus pares te esqueçam, que eu me esqueça e focinhe a eternidade à procura de uma melhor ideia, de uma nova desengonçada geometria, mais êxtase para a minha plenitude de matéria, licores e ostras

vem vem depressa, Hillé, olha um bichinho tão delicado engolindo o outro

tira, Ehud, não deixa, para para

não grita, imagine, quem sou eu para decidir da vida e da fome de um outro

Quem sou eu para te esquecer Menino Precioso, Luzidia Divinoide Cabeça? se nunca fazes parte do lixo que criaste, ah, dizem todos, está em tudo, no punhal, nas altas matemáticas, no escarro, na pia, nas criancinhas mortas, no plutônio, no actínio, na graça do teu pimpolho, no meu vão de escada, nesta palha, em Ehud morto. Ele está em ti, Ehud, agora que estás morto? como é o Menino Precioso

dentro de Ehud morto? fervilha, tem muitas cores, pulula, Corpo de Deus em Ehud morto é difícil de ser visto pelo olho do vivo, cobrimos nosso rosto, volteamos, procuramos para as nossas narinas um tecido grosso, Ehud morto possuído de Deus é um todo de carne repulsiva, um esgarçoso de brilho e imundície, Ehud tuas unhas limpiíssimas escovadas a cada dia, tua lisa mucosa, o ventre que cuidavas, as omoplatas retas, os pés de Ehud, longos, sóbrias as curvas das arcadas, os pequenos espaços do teu corpo de carne são do Todopoderoso agora propriedades, como estão, Ehud, teus pequenos espaços de carne? E teu esôfago, tua língua, e os pelos das tuas sobrancelhas eriçadas, e as pálpebras pálidas, e as mãos e as palmas? E o sexo, Ehud?

se cuidasses um pouco do teu corpo, Hillé, andas curvada o que é o corpo?

se caminhasse um pouco, por exemplo: duas vezes por dia subias e descias a pequena ladeira aqui da vila, respiravas lenta, um certo ritmo é bom quando se caminha, lembra como caminhávamos? te lembras de um brilho que vias numa pequena colina naquele passeio às águas? e como te esforçaste para subir a colina? e o que era afinal aquele brilho?

sim, me lembro, uma tampinha nova de garrafa, uma tampinha prateada como são todos os brilhos no cume de todas as colinas.

exageros. a Terra não é uma tampinha prateada

como será a cara DELE hen? é só luz? uma gigantesca tampinha prateada? não há um vínculo entre ELE e nós? não dizem que é PAI? não fez um acordo conosco? fez, fez, é PAI, somos filhos. não é o PAI obrigado a cuidar da prole, a zelar ainda que a contragosto? é PAI relapso?

estavas suada. um vestido de ramas, azulado, onde é que foi parar aquele vestido? e um colar mínimo, de âmbar, perdeste? dizias: Ehud, vem, corre, brilha demais para não ser nada.

aí achei a tampinha

é. está bem. mas vamos esquecer, já mudaste a cara.

achei a tampinha e dei um grito, não foi, Ehud? e chorei esgoelada

foi. mas por favor vamos esquecer. fui falando mas não me lembrava do fim.

eu gritando que Deus era um menino louco e

vamos dormir, vem.

Um menino louco, vamos dormir vem, sim vamos dormir, como é o Tempo, Ehud, no buraco onde te encontras morto? como vive o Tempo aí? Escuro, e repente centelhas de cores, como é o Tempo do inchado, do verme, do asqueroso? O que é asqueroso? Como é o Tempo no úmido do fosso? Pergunto ao Menino Louco: estás aí com Ehud? Morte, asqueroso, inchado, vermes, fosso fazem parte de Ti?

Hillé, nada de mim é extensão em ti

Não fizemos um acordo?

O quê?

Não és Pai?

Nem sei de mim, como posso ser extensão num outro?

Não houve um contrato?

Quê? Estás louca. Vivo num vazio escuro, brinco com ossos, estou sujo sonolento num deserto, há o nada e o escuro

Não te escuto

Digo que durmo a maior parte do tempo, que estou sujo

O quê? O que, meu Deus? Não te escuto

Que um dia talvez venha uma luz daí

Quê?

É uma sapa velha. Viu a pele pintada? É sarda. Ainda tem umas boas tetas. Credo, teta de sapa. Podemos botar fogo na casa durante a lua nova. Com as casas quase coladas? Dá-se um jeito, fogueiro que vai dar gosto. O Nonô metido a demo, a polícia, tu sabe que vive enfiando prego no cu do gato, pois é, pois o Nonô se mijô quando viu a caretona dela na janela. Casa da porca. Olhe, eu tive um porco que era um ouro, era um porco de bem, macio, gordo como poucos, atendia pelo nome de Nhenhen, foi ficando tão gordo tão macio tão delicadeza, que foi servido só de sobremesa. Olha, eu comi outro dia uma carne, o sangue na tigela era sangue grosso, uma beleza, a Lazineira se lambuzava toda, passava até no rosto, ficou corada como imagem da virgem, uma que tinha lá na minha cidade, comemos tanto que o umbigo ficou esticado, depois foi duro pra durmi, tive que durmi de lado, e pra metê, meu chapa, nem se fala, eu e a Lazineira, dois bumbo se batendo, sabe Antonão, a vida é tão cheia de tranquera, porca sapa velha, que se a gente não enche o bucho e não dá uns mergulho nos buraco das mulhé, vezenquando uns murro numas gente, cuspidas escarradas, uma paulada no cachorro, esses descanso, se a gente não faz isso Antonão, a vida fica triste. é, tá certo, isso de comer e de meter faz muito gosto, que coisa que tem mais na vida? que coisa? depois da morte os bicho, nem fumo pra pito, nem meteção nem nada, depois da morte aquela fome, aquela escuridão, tu acredita em alma de defunto seu Tunico? besteira, o mundo tá muito voluído, não tem mais disso não. e Deus? olhe, isso é assunto de padre, de ministro, de político, é Deus todo dia dentro da boca, de dia Deus, de noite a teta de uma, a pomba de outra, eles é que se regaleiam, viu?

Miudez, quentura, gosto. Mover-se pouco. Não dizer. As mãos na parede. No corpo. Pensar o corpo, tentar nitidez. Hillé menina tateia Ehud menino. Dedos dos pés. Se a gente mastigasse a carne um do outro, que gosto? e uma sopa de tornozelo? E uma sopa de pés? Na comida não se põe pé de porco? Por que tudo deve morrer hen Ehud? Por que matam os animais hen? Pra gente comer. É

horrível comer, não? Tudo vai descendo pelo tubo, depois vira massa, depois vira bosta. Fecha os olhos e tenta pensar no teu corpo lá dentro. Sangue, mexeção. Pega o microscópio. Ah, eu não. Que coisa a gente, a carne, unha e cabelo, que cores aqui por dentro, violeta vermelho. Te olha. Onde você está agora? Tô olhando a barriga. É horrível Ehud. E você? Tô olhando o pulmão. Estufa e espreme. Tudo entra dentro de mim, tudo sai. Não tem nada que só entra? Não. E Deus? Deus entra e sai, Ehud? Isso não sei. O padre diz que Deus está dentro do coração. Então espia o teu, vê se ele tá lá dentro. Tô espiando. Tai? Não. Deixa eu escutar o teu coração. Nossa, tá batendo. Claro, o teu também, deixa eu escutar. Sabe, Hillé, você tem cheiro diferente do meu, tem cheiro de leite. Imagine. Tem sim. Te cheira. O pai tem cheiro bom, a mãe também. Eles usam perfume. Por quê? Não é bom a gente cheirar o cheiro da gente? Não sei. Por que a gente se veste? É feio ficar pelado? Eles dizem que é. Por quê? Olha a lagarta, ela tá pelada, coitada. Ehud, escuta: você já viu Deus? Eu não, Deus me livre. Por quê? Ah, sei lá, a gente não conhece. Ehud, escuta: você também vai morrer? Eu não. Como é que você sabe? Só gente velha é que morre. Você vai ficar velho também. Eu não.

Sessenta anos. Ela Hillé, revisita, repasseia suas perguntas, seu corpo. O corpo dos outros. Como é que foi mesmo isso do Rimbaud carregando ouro? Quarenta mil francos em ouro. Judiou do corpo? Ele tinha uma amante abissínia, ele era delicado e doce com ela, ele andava muito, sempre faminto. Depois não, depois tinha ouro. Por que o ouro é ouro? Por que o dinheiro é dinheiro? Por que me chamo Hillé e estou na Terra? E aprendi o nome das coisas, das gentes, deve haver muita coisa sem nome, milhares de coisas sem nome, e nem porisso elas deixam de ser o que são, eu se não fosse Hillé seria quem? Alguém olhando e sentindo o mundo

Alguém, nome de ninguém

esse aí não é nada

esse sim é alguém

Revisito, repasseio, passeio novamente em nova visita paisagens e corpo, eu teria amado Franz K, riríamos, leríamos juntos com Max e Milena nossos textos bizarros, e cartas, conferências, segredos em voz alta, eu teria amado Tausk e teríamos nos matado juntos, tiro e forca, dois corpos mutilados, teus olhos, Tausk, teus maxilares, tua alma, Victor, toda tua perdição, nunca haveria respostas, nunca, anotaríamos em roxo nossas irrespondíveis perguntas, tudo uma só pergunta

assinado: Tausk-Hillé.

E sobre as tumbas esse mesmo sinal em granito rosa, majestoso, ao redor umas sempre vivas, uns lírios quem sabe, uns espinhos para Lou e Freud se machucarem, ah, não viriam, isso sabemos, ela talvez viesse na manhã fria, sua gola de pele, Tausk-Hillé, tão brilhante que vocês eram, então mataram-se?

Está me ouvindo, Hillé? Eu disse que estou sujo, entre os ossos, num vazio escuro. Eu também, Senhor, eu também.

Convém lavarmo-nos, pelos e sombras, solidão e desgraça, também lavei Ehud no fim algumas vezes, sovacos, coxas, o escuro buraco, sexo, bolotas, Ai Senhor, tu tens igual a nós o fétido buraco? Escondido atrás mas quantas vezes pensado, escondido atrás, todo espremido, humilde mas demolidor de vaidades, impossível ao homem se pensar espirro do divino tendo esse luxo atrás, discursseiras, senado, o colete lustroso dos políticos, o cravo na lapela, o cetim nas mulheres, o olhar envesgado, trejeitos, cabeleiras, mas o buraco ali, pensaste nisso? Ó buraco, estás aí também no teu Senhor? Há muito que se louva o todo espremido. Estás destronado quem sabe, Senhor, em favor desse buraco? Estás me ouvindo? Altares, velas, luzes, lírios, e no topo uma imensa rodela de granito, umas dobras no mármore, um belíssimo ônix, uns arremedos de carne, do cu escultores líricos. E dizem os doutos que Tua Presença ali é a mais perfeita, que ali é que está o sumo, o samadhi, o grande presunto, o prato.

me chamaste, Ehud?

Senhora D, querida Hillé, murmuras hen? os segredos da carne são inúmeros, nunca sabemos o limite da treva, o começo da luz, olhe, Hillé, não gostarias de me fazer um café? os intrincados da escatologia, os esticados do prazer, o prumo, o todo tenso, as babas, e todas as tuas escamosas escatologias devem ser discutidas com clérigos, confrades, abriste por acaso hoje o jornal da tarde? Não. Então não abriste. pois se o tivesses feito terias visto a fome, as criancinhas no Camboja engolindo capim, folhas, o inchaço, as dores, a morte aos milhares, se o tivesses feito terias visto também que não muito longe daqui um homem chamado Soler teve suas mãos mutiladas, cortadas a pedaços, perdeu mais de quatro litros de sangue antes de morrer, e com ele morreram outros golpeados com cacetetes, afogados em recipientes contendo água imunda e excrementos, depois pendurados pelos pés, estás me ouvindo, Hillé? matam, torturam, lincham, fuzilam, o Homem é o Grande Carrasco do Nojo, ouviste?

Sim.

Então, Senhor, Menino Precioso, ouviste Ehud também? Meu nome é Nada, faço caras torcidas, as mãos viradas, vou me arrastando, capengo, só eu e o Nada do meu nome, minhas mesquinhas, meu ser imundo, um Nada igual ao Teu, repensando misérias, tentando escapar como Tu mesmo, contornando um vazio, relembando. Tens memória? Nostalgia? Um tempo foste outro e agora és um que ainda se lembra do que foi e não o é mais? Tiveste inestimáveis ideias, soterradas hoje, monturo e compaixão? Alguém se dirigiu a Ti com tais pedidos? Estes: olhe, Hillé, toma esta peneira e colhe água do rio com ela, olha, Hillé, aqui tens a faca, corta com ela a pedra, pedaço por pedaço, depois planta e vê se medra, olha, Hillé, aqui tens o pão mas só podes comê-lo se dentro dele encontrares o grão de trigo inteiro, e de quem o colheu a própria mão, olha, Hillé,

aqui tens a tocha e o fogo, engole, e assim veremos o que se passa nos teus ocós.

olha Hillé a face de Deus

onde onde?

olha o abismo e vê

eu vejo nada

debruça-te mais agora

só névoa e fundura

é isso. adora-O. Condensa névoa e fundura e constrói uma cara. Res facta, aquieta-te.

E agora vejamos as frases corretas para quando eu abrir a janela à sociedade da vila:

o podre cu de vocês

vossas inimagináveis pestilências

bocas fétidas de escarro e estupidez

gordas bundas esperando a vez. de quê? de cagar nas panelas

sovacos de excremento

buraco de verme no oco dos dentes

o pau do porco

a buceta da vaca

a pata do teu filho cutucando o ranho

as putas cadelas

imundos vadios mijando no muro

o pó o pinto do socó o esterco o medo, olha a cançãozinha dela, olha o rabo da

víbora, olha a morte comendo o zoio dela, olha o sem sorte, olha o esqueleto

lambendo o dedo

o sapo engolindo o dado

o dado no cu do lago, olha, lá no fundo

olha o abismo e vê

eu vejo o homem. escuta escuta, queria te contar esta estória, aquieta-te:

enquanto ela morria, o homem fornicava

com quem?

com a criada que cuidava dela. ruídos de gozo e agonia, duetos, scherzos, moderatos, sons de cítara e sabre

era um louco

não. um homem

bem, então um homem louco

não, um homem, apenas o sexo saudável, um que não amolece diante do sangue, do cheiro, que vê vida e morte tudo natural, naa tuu rall, tudo é muito natural, morrer ó morrer faz parte da vida, mocinha, que bobagem, óóóóóhhh

Enquanto agonizava ela dizia: um dia juntos outra vez, meu amor, obrigada por tudo, é a tua mão essa que sinto na minha?

e era a mão dele?

não, eu menti, era a minha mão, eu disse sim estaremos juntos, imitei a voz dele, escorria das narinas um baço rosado, eu ia enxugando suor e corrimentos, através das paredes vinham os uivos da outra, nomes pequeninos, cochichos, falinhas de grilo, curtos ganidos, doçuras. Agonizava essa e eu encostava o ouvido à sua boca, ouvia: querido, perdoa incompreensão, recusa, indiferença de muitos dias, perdoa solidões, os contatos com o nada, a palha colada à alma, perdoa se não te dei claridade, emoção, se quando tu me querias os olhos se banhavam de umas águas do passado

Eu Hillé respondia esquece esquece, está tudo bem agora. Mentia.

é preciso que eu fale, é a hora da morte, não é? avançam os guardados da alma, alguns toscos pesados, brilhos, me escuta por favor, tudo se esvai, escuta

Eu Hillé respondia sim estou perto escuto

sabe, às vezes queremos tanto cristalizar na palavra o instante, traduzir com lúcidos parâmetros centelha e nojo, não queremos?

sim

então, eu queria também, queria sim tocar teu medo teu amor tua vaidade de homem, existir no teu sonho, me ouves?

sim

espera, que gritos são esses agora?

hen?

como se alguém estivesse morrendo antes de mim, se muere alguien?

não, eu não escuto nada. Mentia.

ouve, sim sim, alguém agoniza antes de mim

Gritos como facas rombudas, soluços, me muero sí, me muero, as pedras polidas, o frio, há anos que te procuro
eu também.

há anos que queria ter cordas, malhas de fio-ferida à minha volta, há anos que queria pertencer, ouviste?

sim.

Ehud, tua macieza me voltando, lividez do teu rosto, dentes saliva, espasmo vivo e grosso, que coisa o corpo vivo e jovem, que rutileza lá dentro, quantos anos temos agora? vinte? vinte dois? vinte cinco? o pranto da velhice lembrando, o pardacento, o esfarinhado sobre a mesa, era o pão? que coisas tínhamos sobre a mesa?

romãs e laranjas.

o esfarinhado no corpo da alma agora, papéis sobre a mesa, palavras grudadas à página, garras, frias meu Deus, nada me entra na alma, palavras grudadas à página, nenhuma se solta para agarrar meu coração, tantos livros e nada no meu

peito, tantas

verdades e nenhuma em mim, o ouro das verdades onde está? que coisas procurei? que sofrido em mim se fez matéria viva? que fogo, Hillé, é esse que sai das iluminuras, folheia, vamos, toca

se está muriendo, sí, que gemidos meu Deus, não tenho muito tempo, muitos que se foram estão por perto, é a hora, viver foi uma angústia escura, um nojo negro não fales assim, não o ódio agora, o ódio não

viver é afundar-se em cada caminhada, como me arrastei, que peso, que vaidade, e tu uma ternura sobre os meus ossos, uma redondez sobre os espinhos, um luxo de carícias

aquieta-te, deixa-me limpar o molhado da cara

a gosma da boca, aqui, limpa, já está bem, está bem, preciso continuar, olha, quis te tocar lá dentro na ferida da vida, ouviste? segurei o toque para te fazer em dor, em mais dor, ouviste? ah cadela lixo porca maldita eu mesma

não fales assim, não nesta hora

não é a hora da morte? por que me interrompes nesta hora? cala-te, é morte minha. sempre que te deitavas comigo, homem, a carne era inteira loucura e sedução, não enfiavas os dedos, o sexo, não sentias?

sim

a vida foi isso de sentir o corpo, contorno, vísceras, respirar, ver, mas nunca compreender. porisso é que me recusava muitas vezes. queria o fio lá de cima, o tenso que o OUTRO segura, o OUTRO, entendes?

que OUTRO mamma mia?

DEUS DEUS, então tu ainda não compreendes?

Pequena porca ruiva, escuridão e chama nos costados, os olhinhos pardos, rojo corazón, rugas fininhas no lombo e nas virilhas, porca Hillé, medo e mulher, tocaste las cumbres del amor, tocaste? Ehud com vinte? Hillé com quinze? Ehud com cinquenta? Quando foi isso de perdição e luz, isso sem nome, cordão de ouro e fogo cindindo os teus meios, te deitavas terra e viuvez mas Ehud te tocava e viravas barca, incandescência, um grosso aguar, um sol de estupor também escuro e violento. Como era isso de estar sendo hen? isso de estar sendo, tempo vivo, estar sendo

Enquanto tu morrias, Ehud, minha carne era tua, e disciplina e ascese tudo que me pretendi para livrar o coração de um fogo vivo, ah, inútil inútil os longos exercícios, a fome do teu toque ainda que me recusasse, então tu não compreendias? queria escapar, Ehud, a boca numa fome eterna da tua boca, a vida era resplendor e prata, demasiada rutilância se tu me tocavas, e sinistra e soluçosa e nada quando tu não estavas

lama sabactani

Enquanto tu morrias eu te abraçava numa fúria alagada, numa sórdida doçura, minha alma era tua? o desejo era demasiado para a carne, que grande fogo vivo insuportável, que luz-ferida, que torpe dependência uma outra Hillé sussurrava muito fria e altiva, uma outra Hillé fingindo mansidão e langor, roliça, passiva, perla sobre o fastídio de los mármoreos.

me queres?

claro

pergunto se me amas, Hillé

perguntas perguntas, como se fosse simples isso de amar, como se o peito soubesse desse adorno, como posso saber se a alma não compreende?

a alma sente

a carne é que sente

Ativez. Mentira. E depois tu saías e eu desenhava teu rosto sobre o meu, teu longo corpo, turva e inundada de ti repetia palavras: rocio, júbilo, hermosura, remolino, sconvolgente, Hillé sconbussolata, Hillé perduta

Tens uma máscara, amor, violenta e lívida, te olhar é adentrar-se na vertigem do nada, iremos juntos num todo lacunoso se o teu silêncio se fizer o meu, porisso falo falo, para te exorcizar, porisso trabalho com as palavras, também para me exorcizar a mim, quebram-se os duros dos abismos, um nascível irrompe nessa molhadura de fonemas, sílabas, um nascível de luz, ausente de angústia
melhor calar quando teu nome é paixão

Duas Hillé, uma tua senhora D, dois Ehud, um o que se mostrava nos cotidianos, leveza e carranquez, outro um Ehud de mim, sonhado, ou eras tu mesmo aquele que eu queria, sóbrio, os passos largos, lentidões, e uma Hillé lagamar, escura, presa à Terra, outra Hillé nubívaga, frescor e molhamento, e entre as duas uma outra que se fazia o instante, eterna, oniparente
procura compreender, Hillé, agora que estou morrendo
compreender o quê, Ehud?

nomeia as ilusões, afasta-te da vertigem
hen?

loucura é o nome da tua busca. esfacelamento. cisão.
derrelição.

também senhora D, também. quando eu não estiver mais, ouviu? quando eu não estiver mais evita o silêncio, a sombra, procura o gesto, a carícia, um outro, procura um outro, e que ele conheça o teu corpo como eu conheci, ensina-o se for inábil e tímido, busca tua salvação, empurra o espírito para uma longa viagem, afasta o espírito

Toma-me, Mãe Primeira, estou cega e no fundo do rio, encolho-me, todos os buracos cheios d'água, vejo passar agigantados sentimentos, excesso ciúme impotência, miséria de ser, quem foi Hillé se nunca foi um nome? Hillé doença, obsessão, tocar as unhas desse que nunca se nomeia, colocar a língua e a palavra

no coração, toma meu coração, meu nojo extremado também, vomita-me, anseios, estupores, labiosidades vaidosas, toma os meus sessenta, sessenta anos vulgares e um único aspirar, suspenso, aspirei vilas, cidades, nomes, conheci um rosto sem face, um homem sem umbigo, um animal que falava e os olhos mordiam, uma criança que deu dois passos e contornou o mundo, um velho que esquadrinhou o mundo mas quando voltou à casa viu que não havia saído do primeiro degrau de sua escada, vi alguém privado de sentimentos, nulo, sozinho como Tu mesmo Menino-Porco, era esticado e leve, era rosado, e não sentia absolutamente nada, um dia na praia começou a correr em direção ao mar, mergulhou, e nunca mais emergiu, eu vi quando se fez em curva e apontou a cabeça para as águas, vi dorso, nuca, brilhos, brilhos na cabeça, pensei: estranho, moveu-se como quem sentiu. Vi um lago de ouro, eu mesma, quando te toquei, Ehad, pela primeira vez, e uma luz na tua cara tão difusa e em pontas que

senhora D, podia por favor abrir um pouco a janela? só um instantinho, sabe o que é, é que tem um homem aqui que sabe fazer benzeduras, sabe o que é, senhora D, espera um pouco, o homem tá dizendo umas coisas, presta atenção senhora D. quem? ah sim, o homem tá dizendo que Asmodeu, Asmodeu a senhora conhece né? ele diz que sim que a senhora conhece, então, se a senhora conhece não precisa dizer muito mais, mas o homem tá dizendo que Asmodeu tá aí dentro do seu peito, hen? quem mais, moço? tem mais um aí senhora D, péra um pouco que o nome desse é mais difícil, ah sim, Astaroth, é isso, credo Astaroth, é isso, esses dois tão aí, é o homem que diz, ele também tá dizendo que esses é que fazem a senhora assim, viu senhora D? senhora D?

e uma luz na tua cara tão difusa e em pontas que

e esses dois são fogo, senhora D

vá depená o sabiá, senão te dou uma carovada uma muqueta

chi credo, mulher nenhuma fala assim, vade retro.

o quê? vade retro é uma coisa pros dois que estão aí, pros demônios saírem.

e uma luz na tua cara tão difusa e em pontas que a boca amanheceu com a luz dos rubis, e vi uma pedra exsudando, um extensor encolhendo, um livro tentando olhar-se e ler-se, um sonho caminhando, uma ponte enterrada, isso muito triste uma ponte enterrada. Cisão. Esfacelamento. Um oco ardente de luz, o nome das coisas, quem tem o nome das coisas? Encostei a testa na tua testa, Menino-Porco, dois vazios teus olhos, dois assombros, nenhum sentimento nesses dois funis, entre nós nenhum parentesco

sabe, Hillé, às vezes penso que fomos pai e filha, mãe e filho, irmão irmã, que houve lutas e nós, e fios de sangue, que eu tinha fome de ti, que eu te matei, que saía de tuas narinas um cheiro de noite dor incesto e violência, que eras velha e moça e menina, que uns guizos em mim se batiam estridentes cada vez que eu te olhava, que havias sido minha desde sempre, barro e vasilha, espelho e amplidão, infinitas vezes nós dois em flashes nítidos rapidísimos, recortados em ouro, em

negro, numa luz esvaída sombra e sépia, nós dois muito claros num parapeito de pedra cor de terra, depois me vi a mim nos corredores brancos, atado, e tu mesma a dez passos de mim, a voz um fundo, longe: lembra-te, sou eu, não podes ter esquecido, Ehud, sou eu, e alguém te segurou, Hillé, antes que me esbofeteasses a cara. Eras tu, sim, mas naquele instante eu me pensava Deus e me sabendo Deus me sabia louco. E nunca nos compreendemos como existências, atados os dois como cão e cadela, mas teu sonho era o meu, teu sangue, tua vida a minha

Há lugar para a carne no teu coração, Senhor? Há uns veios fundos e gemidos com o som do UMM? Ehud, sabes como é a palavra Intelecto em russo? É UMM. O M prolongado UMMMMMMMM. a carne é que deveria ter o som do UMM, é assim no teu peito, Senhor, o sentir da carne? de lá do escuro venho vindo, teias à minha volta, estou presa a ti, do UMM à carne, um torcido elástico no espaço de nós dois, não te separe nunca, não tentes, é sangue e gosma, é dubiez na aparência mas é cristal de rocha, vívido empedrado, é úmido também, UMM, o intelecto pulsando, a carne remançosa na aparência, se me olhas não vês febricidade mas se me tocas te seguro numas duras babas, tu e eu, um único novelo espiralado, não te separe nunca, não tentes, subo até teus tornozelos, vou te lambendo lassa, aspiro pelos, cheiros, encontro coxa e sexo, queria te engolir, Ehud, descias em UMM pela minha laringe, UMM pelas minhas tripas, nódulos, lisuras, triturado teus conceitos, teu roxo intelecto, teu olhar para os outros, te engulo Ehud, altaneria, porte, teu compassado, teu não saber de mim, teu muito nada compreender, deslizas em UMM pelos tubos das vísceras, teu misturar-se a mim, adentrado desfazido, não és mais Ehud, és Hillé e agora não te temo murmuras hen? e é tudo tão simples, Hillé, um azul sebosos, um passar sobre, alguns tombos.

o quê?

a vida, azul sebosos. tu crias um caminho de dores para ti, Hillé, o coração e o UMM também são ilusões, descansa.

não posso, as coisas pulsam, tudo pulsa, há sons o tempo inteiro, tu não ouves? os sons da cor, teu som, Ehud

como é o meu som?

quando caminhas pela casa me dizendo mentiras, te fazendo leve, é estridente, uniforme, o apito do homem do trem antes do trem sair, tu sabes. aos poucos te incorporas ao existir do trem e começas a ser o som nevoento das rodas, expulsas uns chiados

senhora D, teu som é o som do UMM, me assusta, sabes?

depois quando te deitas e me tocas, uns graves curtos vão se fazendo, olhe, se os figos emitissem sons quando os abrimos seria esse teu som nessa hora quando me tocas

e depois?

quando os cães raspam uma terra úmida
sim, afundam o focinho também, aspiram
expectativa, alguma coisa viva por ali
alguns só raspam a terra para espojarem-se depois, de costas
não tu, Ehud, é como se o vento, a terra, a dura cartilagem, em saliva e cheiro
me tocassem, tubas, flautas

deves ouvir Mussorgsky, nem sonatas, nem trios, nem quartetos de cordas, só
vida, palpitação. Se pudesses esquecer, Hillé, teias, torsões, sentir a minha mão
sem o teu vivo-morte, te acaricio apenas, olha, é a mão de um homem, vê que
simples, dedos, mornura, te acaricio apenas, e tua pele teu corpo vai sentir a
minha mão como se a água te circundasse, não sou eu Ehud experienciado em ti,
me vêes como nunca me pude ver, eu Ehud não sou esse que vivências em ti, és
Hillé apenas, Hillé que pode ser feliz só sendo assim tocada, não é bom? fecha os
olhos procura imaginar o vazio, o azul seboso, pequenos tombos, eu um homem
te tocando porque te amo e porque o corpo foi feito para ser tocado, toca-me
também sem essa crispção, é linda a carne, não mete o Outro nisso, não me
olhes assim, o Outro ninguém sabe, Hillé, Ele não te vê, não te ouve, nunca soube
de ti, sou eu Ehud, sopra e ternura, sim claro que também avidez e sombra
muitas vezes, mas é apenas um homem que te toca, e metemos, é isso senhora
D, merda, é apenas isso
se muere alguien?

agora vamos, tira a roupa, pega, me beija, abre a boca, mais, não geme assim,
não é para mim esse
gemido, eu sei, é pra esse Porco-Menino que tu gemes, pro invisível, pra luz pro
nojo, fornicas com aquele Outro, não fodes comigo, maldita, tu não fodes
comigo

ah ela não é certa não, tá pirada da bola, e isso pega, tu não lembra que meu
marido pifô quando não pude fazer aquele bacalhau tu não lembra? começô
berrando cadê o bacalhau mulher e eu dizendo porra Juvêncio que bacalhau?
porque não tinha bacalhau, madona, aqui em casa, aí eu dizia te acalma a gente
vai buscar, que é isso Juvêncio, e pois é, espumô, babô, caiu duro. e meu avô que
se escondeu de todos derepente porque achava que era um morango e ia ser
chupado. isso pega. e o Joca que enfiô o dedo no cu da criança do Zitinho dizendo
que lá era a boca de Deus.

virge nossa

e a pretinha, cês não lembra?

qual?

aquela que era preta e se atirô no cal, tô dizendo que pega
credo qual?

pois a única preta aqui da vila que ficô branca

ahnnn, aquela, mas aquela não tava loca não, queria zarpá mesmo pro outro lado

virge tá todo mundo mal, ontem também senti uns troço aqui por dentro
tu precisa é metê, Dia Dez
não me chama de Dia Dez, tu sabe que eu não gosto.
por que hen pai chamam ele de Dia Dez?
porque ele grita pra mulher todo dia: hoje não, só dia dez
por que pai?
a muié qué metê, menino, e ele só mete de cabeça fresca, no dia do pagamento
dele: dia dez
cala boca, nhola
pai, tu sabe qual é o cúmulo da paciência?
não, idiotinha, qualé?
é cágá na gaiola e esperá a bosta cantá. que cara, pai, que cara que tu faz pra
mim, eu não pedi pra nascê, tu é que me fez, e passarinho que come pedra sabe
o cu que tem.

Los rios, las cadenas, la cárcel, o cárcere de si mesma, sessenta anos, adeus
Hillé, desconheces quase toda tua totalidade, que contornos havia aos quinze anos
aos vinte, lá dentro do ventre, que águas, plasma e sangue, que rio te contornava?
que geografia se desenhava no teu rosto, e o rosto daquela que te carregava na
barriga, como era? como te carregava essa que habitavas? como eras, Hillé,
antes que o amor surgisse entre aquelas duas almas, pai-mãe, quando ele era
jovem e se perguntava que mulher se deitaria sob seu grande corpo, que fúria de
palavras lhe viria à boca, amada, loca, luz que caminhou baça sob as águas,
então eras tu? sabes, Hillé, às vezes penso que se ficares sozinha, se eu morrer
antes, sabe, às vezes penso que deves ter um homem jovem porque
sim Ehud
porque sabes muitas coisas, essas da alma, e um saber demasiado
oscurece el alma
isso mesmo, e porisso talvez alguém de vinte, vinte cinco, meio diminuído,
sensualão
Rimbaud tinha dezenove quando escreveu aquilo
é, mas é raro, moçoilos são fracotes no UMM, e então continuando, um de vinte,
vinte cinco talvez, duro e vigoroso, um que não sucumba diante do mosaico
intumescido de cores vivas onde desenhava a vida, e num canto lá em cima desse
grande mosaico um negrume de vísceras, um desespero só teu, esse negrume teu
que busca
es que busco La Cara, La Oscura Cara
bobagem. então continuando, esse muito jovem há de sorrir diante do teu
discurso, te põe de imediato a mão nas tetas e diz teu Deus sou eu, Hillé, já me
encontreste, e se ainda continuares com tuas pretensas justas palavras e tua cara

de pedra quando falas na busca, esse muito jovem há de te mostrar

já sei. uma bela caceta

isso. e delicado mas firme te faz abrir as pernas e repete

sei. teu Deus sou eu.

acertaste. então balbuciarás uns secos eruditos, e gosmas de desgosto ainda na tua cara, um rictos que deformará tua linda boca, mas aos poucos

já sei

então sabes. escolhe alguém que não te leve a sério, porque

sim Ehud, el alma de Hillé se obscurece por lo mucho que sabe. Como um grande buraco transbordante de águas, ah, não fizeram valetas? vê como a água se espria em direção a nada, vai avançando, engolindo tudo no caminho. Engulo-te homem Cristo no caminho das águas, se eras homem sabias desse turvo no peito, desse grande desconhecimento que de tão grande se parece à sabedoria, de estar presente no mundo sabendo que há um pai eternamente ausente.

Hillé, teu pai está morrendo, te chama

longa breve plena vida bastando para a vida, por que esperas demais se as coisas estão aí à tua frente? é só sentir, minha filha, e olhar além do muro

olha só, a loca tá nos olhando

revira os olhinhos de porca

credo como tá desgrenhada.

e... filha... ainda fechando as janelas, curvando a nuca, sozinha nesta escuridão, o que te parece parco e pequenino, um filete de vida desaguando magro sobre toda tua superfície de carne e viscera, ainda isso é pleno e basta para a vida, Hillé, perguntar não amansa o coração.

pai, lembra-te de mim quando estiveres lá, do outro lado

me dá tua mão

lembra-te que perguntaste como ficava a alma na loucura? quando te fores, responde-me de lá.

aperta a minha mão

lembra-te que me prometeste que me guardarias para que eu não enlouquecesse, e agora sozinha, vazio o teu espaço, aperta-me como a uma criancinha

Hillé, deixa-me subir ao barco que me levará ao outro lado. onde está Ehud?

aqui, estou aqui, tua filha vai ficar bem, eu estarei ao lado para sempre

cuida. não deixa que faça as minhas mesmas perguntas, a casa deve ficar mais

clara, casa de sol, entendes? na sombra, Hillé se faz mais sábia, pesa, mergulha

em direção às conchas, quer abrilas, pensa que há de encontrar as pérolas e

talvez encontre, mas não suportará, entendes? te falo ao ou

vido, não há coisa alguma dentro delas

das conchas?

dentro das pérolas, Ehud, nada, ocas, entendes? afasta Hillé de mim na minha agonia, pelas mãos, pelo hálito, pelo grande fogo saindo do seu corpo ela me

segura a esta vida. e devo ir. o perfil dos lobos

o quê, pai?

o perfil dos lobos, Hillé, um ramo de adagas, túneis, uivos e centelhas, farejo o infinito, torci-me inteiro, aspirei meus avessos, queria tanto conhecer e agora não só me esqueci do que queria conhecer como também não tenho a lembrança do início de todo esquecimento, lembro-me do perfil dos lobos, eu sei que os vi, ou eram homens? ou era eu mesmo duplicado, todo tenso, pelos e narinas, ah muito amoroso, eu fui um lobo, Hillé? amei alguém que se parecia contigo, minha filha, toca-me, talvez me lembre, tinha um nome longo ís e ás e es, mas isso não importa, cola-se àquele rosto um outro rosto, nítidas dissimetrias, esse alguém me conhece nos meus mínimos, esse alguém dois, essa mulher duas, Ehud, faça com que ela se deite aqui comigo, essa tua mulher minha filha.

sai, Hillé, teu pai terá uma longa e agressiva agonia.

eu quero ficar

que se deite aqui e sinta comigo os murmúrios, palavras que deslizam numa teia, uma estacou agora, e vagarosamente uns fios brilhosos se torcem à sua volta, meu deus, vão recobri-la, que palavra, que palavra? CONHECIMENTO, Hillé, ainda posso vê-la, CONHECIMENTO sendo sufocada por uns fios finos e de matéria densa. pronto. apagou-se. havia tardes, Hillé, tardes de palha, estalidos, securas, eu ia andando e sentia nada, sentia sim um descolorido pedregoso, sei que olhava as navalhas da pedra, sei que sangrava mas não sentia dor, eram pés de palha que sangravam, eu inteiro era vazio, estofado de palha, terra e palha eu inteiro. e deitei-me ali sobre as navalhas

e então, pai?

então fui cortado em delicadíssimos pedaços

como cortamos a salada de acelga

sim, Hillé, é isso, um montículo de palha e terra, minúcias, salada de acelga, é bem isso, e o que foi a vida? uma aventura obscena, de tão lúcida.

Me deitei ao teu lado na tua agonia, escutei verdades e vazios.

nutilidades. Caminho com pés inchados, Édipo-mulher, e encontro o quê? Memórias, velhice, tateio nadas, amizades que se foram, objetos que foram acariciados, pequenas luzes sobre eles nesta tarde, neste agora, cerco-os com minha pequena luz, uma que me resta, ínfima, amarela, e eles continuam estáticos e ocios, sobre as grandes mesas, sobre as arcas, sobre a estante escura, sonâmbula vou indo, meu passo pobre, meu olho morrendo antes de mim, a pálpebra descida, crestada, os ralos cabelos, os dentes que parecem agrandados, as gengivas subindo, procuro um naco de espelho e olho para Hillé sessenta, Hillé e emoções desmedidas, fogo e sepultura, e falas falas, desperdícios

a vida foi, Hillé, como se eu tocasse sozinho um instrumento, qualquer um, baixo, flautim, pistão, oboé, como se eu tocasse sozinho apenas um momento da partitura, mas o concerto todo onde está?

Desperdícios sim, tentar compor o discurso sem saber do seu começo e do seu fim ou o porquê da necessidade de compor o discurso, o porquê de tentar situar-se, é como segurar o centro de uma corda sobre o abismo e nem saber como é que se foi parar ali, se vamos para a esquerda ou para a direita, ao redor a névoa, abaixo um ronco, ou acima? Águas? Vozes? Naves? Reconstituo noites de sofisticadas, política, deveres, uma sociologia do futuro, um estar aqui, me pedem, irmanada com o mundo, e atuar, e autores, citações, labiosidade espumante, o ouvido ouvindo antes de tudo a si próprio mas respondendo às gentes com elegância propriedade esmero como se de fato ouvisse as gentes, teatro, tudo teatro

me responde, filha, o concerto todo onde está?

me responde, Ehud, o concerto todo onde está?

isso de procurar a orquestra, senhora D, é coisa de vadios, sabe-se lá, mudaram-se todos, que te importa o som de todos se tens o teu? digo-te que a treva há de invadir a luz que ainda tens se

qual?

a ínfima, amarela. se persistires o escuro toma conta de tudo, anda me faz um café, um chocolate ia bem, e aqueles pãezinhos, as broas, ainda não estão duras demais, estão? e olha, Hillé, amanhã sem falta vou te comprar uma saia, quem sabe descubro uma de um vermelho fosco, de uns fios de ouro velho, e colocas a tua blusa trançada de branco e dourado e soltando o cabelo, assim, vem cá estão ralos

estão lindos. e compramos um vinho e

Quem foi, Ehud, que apagou meu envoltório de luz, quem em mim pergunta o irrespondível, quem não ouve, quem envelhece tanto, quem desgasta a ponta dos meus dedos tateando tudo, quem em mim não sente?

sabe que o mocinho verdureiro passou hoje pela janela dela e a porca quis tocar a cabeça do boneco? porque ele é bem bonitinho o boneco verdureiro quem que cê disse?

o Zico, tô te dizendo, a bruxa quis afagar a cabecinha dele, hoje ela tava sem máscara, com a cara dela mesma, toda amarfanhada, e aquela blusa cor de bosta toda trançada, o mocinho olhou com o zoio assim ó, parou, e cuspiu na mão dela

credo, que gente ruim também

tu defende a porca?

é caridade, né gente, a mulher tá sozinha, escurecendo

ela ficou olhando o cuspe, fechô a mão, fechô a janela bem devagar

pro cuspe não cair

São muitas as risadas, devo lembrar-me da minha? Em algum lugar alguém falou da metafísica da risada, de tratados até, risadas... um gorgulho na garganta, as bochechas franzidas, tu rias, Ehud? Rias, pai? Rias, Hillé? Eu ria muito quando

minha amiga L arrumava os pés, lixava aquelas unhas com tanto cuidado, o dedão era o preferido, ficava lindo o dedão, eu dizia: Ó L, alguém vai te chupar o dedão? Então ríamos.

teu pé é bonito, Hillé, caminhou pouco mas sabe quase tudo

Os pés do pai, magros, brancos, algumas veias explodindo em azul. Alguns loucos ficam de pé, parados, horas e horas

não tá cansado não?

A resposta não vem, o olhar um cinza esticado, longo, derepente um metal de ponta, seco, furante, um raivoso de garra, um nojo, duas aves se batendo, sangue no peito, nas unhas

é que os teus pés estão roxos, pai

puta Hillé, igualzinha à mãe, esses tons afáveis escondem a bola negra da mentira, ah como parece delicada a avezinha, que pios, que penugem, que redondinho claro esse olho dourado, mas lá dentro o fundo garreia o teu coração, exige o teu coração

por que ele diz isso, Ehud?

quem é que sabe o que vê

em mim?

nele, Hillé, nele

em mim, Ehud, na minha cara um estupor, um nunca compreender, um enrugado mole, olha como é a minha cara sem o teatro para o outro

um pouco caidinha sim

desesperada Ehud, porque todas as perdas estão aqui na Terra, e o Outro está a salvo, nas lonjuras, en el cielo, a salvo de todas as perdas e tiranias, e como é essa coisa de nos deixar a nós dentro da miséria? que amor é esse que empurra a cabeça do outro na privada e deixa a salvo pela eternidade sua própria cabeça? e o que Ele fez com Jó, te lembras?

teu deus está a salvo, Hillé, fica contente

que boniteza isso de amá-lo nos seus confins e chafurdar por aqui

Ter sido. E não poder esquecer. Ter sido. E não mais lembrar. Ser. E perder-se. Repeti gestos palavras passos. Cruzei com tantos rostos, alguns toquei, que sentimentos eram Hillé quando cruzava tocava aqueles rostos? Te busquei, Infinito, Perdurável, Impercível, em tantos gestos palavras passos, em alguma boca fiquei, curva sinuosidade, espessura, gosto, que alma tem essa boca? E os gestos, meu Deus, como os tomei para mim: lerdos frívolos pausados recebendo o mundo, afoitos grotescos. E os gestos passos palavras daqueles que me fizeram sentir amor, gratidão em mim inteira, e que ouro que suculências que aroma desejaria ter tido, e casas brilhos, aves, poemas, luz desejaria ter tido, tudo aos pés desses que me fizeram sentir amor. Caminhei escura pelas ruas, parei à margem de alguns rios escuros também, e torpe e nítida para mim mesma convivi com Hillé e seus negrimes, sua minimez, seu ter sido e esquecer, seu ter

sido e não mais lembrar, seu ser e perder-se. Hoje convivo com Derrelição, com a senhora D, seu grandiloquente lá de dentro, seu sempre ficar à frente de um Outro que não a escuta, posta-se diante Dele de todos os modos, velha idiota. Mãos na cintura, é a hora dos tamancos: então, Porco-Menino, estou aqui em trevas, em miséria, acelerada na veia e na víscera, então, é bom estar a salvo dos polhentos como eu mesma? Ou quando se ajoelha, os olhos rubros destilando vertentes:

acode-me, meu Pai, me lembro de tão pouco mas ainda sei que és Pai, olha-me, toca-me, como se o Outro tivesse tempo para se deter em velhotas frasescas, escolhendo ditados, sabe que se vira no avesso para fazer ribombar com sua fala pomposa os ouvidos do Ausente, e como arremeda modéstia humildade pobreza até:

eu Nada, eu nome de Ninguém, eu à procura da luz numa cegueira silenciosa e agora alisa os peixes de papel, esfarelam-se nas suas mãos sempre úmidas, vai até a pia, lava-se, enxuga-se na saia ensebada, olha entre as frestas da janela, volta-se, ajoelha-se no vão da escada, e daqui a pouco tu podes vê-la levitando, o cabelo ralo tocando o teto da casa, e não foi milagre do Outro não, é ela mesma e seus ardores nojentos, seu fogo de perguntas, seu encarnado coração que levanta esse pesado tosco que é seu corpo, vejam, está ali, o couro rosado tocando o teto, de mãos postas a porca, como se além do teto no espaço através do telhado o olho do Senhor sobre essa toda pensante, pousado ela pensa, o olho do Senhor de ouro e lírio sobre o couro velhusco da senhora D. Pousado. Que amou Ehud ela diz, ó por favor, enquanto o coitado viveu atormentou neurônios e sentidos do afável senhor, sempre sempre o enrodilhado perguntante, na hora da comida, da trepada, do sono, até na privada inventou que a luz de umas rosáceas incidia na coxa, reverberava nos ladrilhos, que até ali estava o Senhor, quero dizer até ali o fulgor de alguma coisa viva que ela não sabia. Ehud manso, chinelos, o jornal na mão, à espera de um café que ela nunca fazia sim, Hillé, por certo deve estar por aí o teu Senhor.

Sinuosa, juncos torcidos de intrigas metafísicas, aos poucos foram se afastando dela, alguns casais, supostos amigos, perguntava às madamas derepente:

ocê sente às vezes o irreal desses ires e vires, o ininteligível de todos os passos, hen, sente? A madama olhava o marido, abestada, o marido dizia: sabe, Hillé, minha mulher não entende essas angústias da gente.

a mulher: ahnn, não entende é?

o marido: não é isso, benzinho, Hillé quer dizer que

a mulher: quer dizer o caralho, tu entendes muito é de meter

e taponas, empurrões, o marido tropeçando e pedindo desculpas pela grosseria da mulher, e Ehud um sorriso miúdo, adoçado, e Hillé: meu Deus, alguma coisa errada não foi, Ehud?

claro que não, senhora D

Hei de estar contigo, com teus nós, teu rosto de maçãs, bravias, duras, morta sim é que estarei inteira, acabada, pronta como fui pensada pelo inominável tão desrosteado, morta serei fiel a um pensado que eu não soube ser, morta talvez tenha a cor que sempre quis, um vermelho urucum, ou um vermelho ainda sem nome tijolês-morango-sépia e sombra, a teu lado eu cromo feito em escarlatim, acabados nós dois, perfeítissimos porque mortos, as mãos numa entrelaçadura de muito luzimento, mão minha que tocou teu corpo luxesco, comprido, teu corpo uma brilhância incircunscritível, tão doce para minha língua muito em timidez, mais doce ainda na corriqueirice dos dias, puro meloso depois, tua boca em mim, cheia de colibris tua boca, mortos um dia os dois, atados, um irrompível eterno, as gentes vão olhar abrindo os olhos em boca de poço. Mas nas nossas caras, pernas, tronco, na luminância das nossas mãos nenhum recado ou talvez sim um logogrifo, chispas, um canto vindo da ossatura da terra, um feixe de puro branco. Laumim. Ancas.

Hillé, minha filha, boas e vadias e solenes ilusões, movemo-nos pelas ilusões, gigantescas e fofas, fiquei lumpesinando dentro delas e como gostei, Hillé, anos apenas, mas que deliciosa deixação

as ilusões, pai?

e que desgosto compreender, saber à frente dos passos.

esquizofasia, senhora D, deixa teu pai morrer

fica, Hillé, deita-te aqui comigo, traz um espelho

pra quê?

quero ver minha cara. que horas?

madrugada

então vem, deita-te aqui, segura o espelho assim, madrugada, lúrida cara

o quê, pai?

lúrida cara, arranjo nomes, palavras para guardar na arca

que arca?

não disseram isso? porque guardei palavras numa grande arca e as levarei comigo, não disseram isso em algum lugar? então guarda para tua arca: lúrido, undívago, intáctil

Convém que sejam dois peixes de papel porque se recorto apenas um ele se desfaz mais depressa, já notei, será possível que até as coisas precisem de seu duplo? mais depressa no fosso se sozinhas? Hillé e mais alguém, seria bom. Mas o quê? Quem? Quem ou que seria Hillé tão duro e som? Tão estridência, arcada, sabichona, misto de mulher e inteligumência? Rimas soltas voejando o vão da escada, rotas rimas, fistulosas, rimas na margin da viuvez, uma cantoria esmagada na planta dos pés

hembra dura, cerrada

los duros en la cara

hembra de piedra mala

Madura. A boca visguenta no calhau do medo. Em abstinência de compreensão, no entanto compreendendo. Ó cantatriz, acaba ainda hoje teu falar demostênico, injúrias, perdições, que compridez a vida, o rombo na cara da alma, juntaram vômitos e feridas, dúvidas pontudas, um arcabouço colmilhoso, uma fistula frenética mas cheirando a jasmim, rompantes de susto, um ser-mulher tão machetado de redondos de ferro, de tumidez e pregos, um ser-mulher quase inconcesso de tão disparatado e novo, e muito velho esse ser, sua alma vem de águas lá de dentro das pedras e teve pai e mãe mas também nunca os teve porque veio de um Outro dizendo num dejúrio:

que é isso pai e mãe? por que me perguntas coisas que nunca ouvi? quem te colocou nomes na boca? que eu os inventei? Hillé, estás louca, de mim somente um todo de ti, arquejei, dobrei-me lunulado, esforço em magma para colocar de pé esses ossos de ti, e agora inventas nomes pai e mãe dizendo que eu os coloquei nas tuas cordas de dentro? que eu fiz nascer o quê? ruídos de sentimentos? Estás louca. Insonioso, esquecendo a cor do tempo, fui espumando lento um ser-mulher a meu gosto. E eras tu. A meu gosto. Jamais um alvoroço de sons que não conheço. Que sentimentos, que sentimentos?

quente a tua cama, pai, tua testa, quente. queimas.
a morte é fria. então ainda não é hora.

Um ser que se descasca. Sem Deus. Sinistrosa lassa. Vai rebrilhar escura no seu osso. E por que eu te amei, Hillé? Ó meu deus, meu deus. Teu deus miúdo agora te pergunta, Ehud: havia outras mulheres, não havia? Por que escolheste a minha? Havia Antônias Leticias Lídias Açucenas, mil Marias, do Carmo da Aparecida da Graça, Maria Lúcia, Cristina. Desta te lembras? Que soberba naquela anca pura. E todas frívolas, benditas, amenas num falatório aguado, chiavam, os dentinhos magnos, coxas que se abriam sempre, estremeçõezinhos vagos, delícias acabadas para Ehud modesto

sábio é o que tu és, Ehud

por que, senhora D?

ao teu redor um tempo conhecido palmilhado, o olhar de quem conheceu muito, e porque quis, desapareceu.

e o teu? e o teu olhar?

o olho obsceno do meu Deus

Sorriso diante da megalômana. Sedutora. Fêmea e força. E continuo no roteiro da saudade dos meus mínimos. Do que fui antes de conhecê-la. Dos passeios supostamente castos e no meio das minhas pernas um túmido agitado, das mãozinhas inábeis e ainda assim deliciosas daquelas senhoritas, ocas senhoritas, pequenas repolhudas, eu falava orifício e elas respondiam ah sim sabemos, aqueles prédios altos. Agora senhoras. E onde estão? Onde? Bem, mas devo voltar e dizer à Hillé: não procura o pai, procura a ti. Rebusco-me para um dizer distraído e antes de fazê-lo Hillé me antecede: sabes, Ehud, quando penso em

procurar-me a mim, assoma um troço sem trégua, e afrontas no equilíbrio, pé e cara, e vejo os retratos lá longe, reduzidos, redutores também, a vida-retrato no funil do infinito

quem é essa aqui piquinininha, essa que cobre o olho da luz?

sou eu Hillé

e te lembras dessa hora? te lembras desse agulhão no olho?

Luz que não vem mais. Sucção que aspiro, boca e olhos abertos numa incondicionada espera, tento apoderar-me dos definitivos, isto é definitivo, Hillé, não pergunta mais, há tolices pestilentas acabando em perguntas, parênteses absurdos, notas ao pé da página tão serpenteadas, tão mexidosas, e outras quietas, quase severas, porejando apenas um levantar de sobranceiras, um repuxão na boca, notas ao pé da página que não esqueces jamais, cada vez que te lembras desejas repouso, extrema-unção, um passo à frente abismoso e último. O quê? O quê? Que coisas diz esta nota ao pé da página? Encorpada densa resistível não queres mais, vou esquecê-la, mas aí um pequeno clarão inundando pés e canelas: então viram isso? na lasca de uma pedra encontraram um todo ser vivo? encontraram um olho ígneo na rocha, no cristal?

torradas, Hillé, pepinos e geleias, um sanduíche novo para você

escute, Ehud, lê lê esta nota ao pé da página

pensei pepinos e geleia porque, vê só, as cores são fantásticas, verde e rubro, o prazer do olho faz abrir a boca, claro, e olhe, senhora D, ninguém no mundo te fará jamais esses sanduíches, um gozo ameno

mas escuta Ehud

e tem mais, amanhã teremos um flambado de reis, amendoins morangos e um licor do fundo da geena, voluptuoso, com lasquinhas de ouro

que na lasca de uma pedra encontraram

e um vinho do meu avô. e velas.

que encontraram um todo ser vivo

o teu cabelo está lindo hoje

e um olho ígneo num cristal de rocha, lê lê, esta nota ao pé da página

E eu Ehud posso lhe oferecer tudo, mexilhões, lagostas, molhos de mostarda manteiga e vinho velho. Há alguns anos atrás, atirava-a na cama e era brusco e caótico e sôfrego e virtuoso, e durante algum tempo amada minha Hillé, nós dois o mundo, nós dois um vivo habitável, uma casa, uma aldeia, uma cidade, tateios que percorríamos juntos, geografias perfumadas, carne de homem e de mulher um macio nervoso, um-dois-só e complicados nós e esticâncias, luzes lá por dentro, palmas dos pés, dedilhos, aguaceiras.

Convivo há alguns dias com a senhora P, a porca que escapuliu do quintal de algum. Abri a porta e ela entrou numa corrida guinchada, bambolando. Lá fora o

estriduloso da vizinhança, depois silêncio, depois algumas chalaças gritadas mas nem tanto. Depois algum lapuz berrou: vá vá Dominico, deixa a porca pra louca, tu tem tantas, porca e louca se entendem. Ficou num esquinado ao lado da cozinha, achei uns guardados de milho, dei água, umas verduras velhas arrancadas do que foi horta um dia no quintal. Olhei a macieira de maçãs azedinhas, disse que não tocaria mais coisa tão viva mas toquei, vivas nem tanto, são pequenas maçãs, esboçam o vermelho, tímidas em redondez, mais desengonço que redondo, não me queimam as mãos. Tento sair da minha pulverescência, e olho longamente a senhora P. Me olha. É parda, soturna, medrosa, no lombo uma lastimadura, um rombo sanguinolento. Hoje pude me aproximar muito lenta, e como diria o sóbrio: pensei-lhe os ferimentos. Roxo-encarnado sem vivez este rombo me lembra minha própria ferida, espessa funda ferida da vida. Porque não me tocaste, Senhor, e nem me pensaste sóbrio os ferimentos, porque nem o calor da ponta dos teus dedos foi sentido por mim, porque mergulho num grosso emaranhado de solidões e misérias e te buscando emerjo de mim mesma as mãos cheias de lodo e de poeira, este meu roxo-encarnado sem vivez reside em mim há séculos, lapidescente na superfície mas fervilhante e rubro logo abaixo, eterno em dor com a tua esquivez. Rimas pesadas ciciosas, sem intenção, e os unguentos no lombo da senhora P, roçados de focinho, fungadas mornas no meu braço, os olhos um aquoso de incompreensão e de doçura, um sem-Deus sem-Deus hifenizado sempre, sem-Deus sem-Deus. Conheces o canto do pássaro sem-fim, senhora P? sem-fim, sem-fim, sem-fim nosso existir sem-Deus. E me vem que só posso entender a senhora P, sendo-a. Me vem também, Senhor, que de um certo modo, não sei como, me vem que muito desejas ser Hillé, um atormentado ser humano. E SENTIR. Ainda que seja o agulhão de um roxo-encarnado aparentemente sem vivez.

E há de vir um tempo, meu pai, que tu e eu não estaremos mais, nem Ehud, e estaremos onde num sem tempo? Que hei de ficar tão velha e rígida como um tufo de urtigas

as urtigas são veludosas

Que hei de ficar tão velha e rígida como um tufo de urtigas, e leve num sem carnes, e tateante de coisas mortas, a cabeça fremente de clarões, a boca expelindo ainda palavras-agonia, datas, números, o nome dos meus cães, bacias de água quente pela casa

os pés estão gelados, traz as bacias, deixa-me esfregar assim, ah, não adianta o nome dos meus cães, dos três pássaros, pedaços de frases

OBRAS PUBLICADAS
DE HILDA HILST

POESIA

Presságio. Ilustrações de Darcy Penteado. São Paulo: Revista dos Tribunais, 1950.

Balada de Alzira. Ilustrações de Clóvis Graciano. São Paulo: Edições Alarico, 1951.

Balada do festival. Rio de Janeiro: Jornal de Letras, 1955.

Roteiro do silêncio. Rio de Janeiro: Anhambi, 1959.

Trovas de muito amor para um amado senhor. São Paulo: Anhambi, 1960.

Ode fragmentária. Capa de Fernando Lemos. São Paulo: Anhambi, 1961.

Sete cantos do poeta para o anjo. Ilustrações de Wesley Duke Lee. São Paulo: Massao Ohno, 1962.

Poesia (1959/1967). São Paulo: Sal, 1967.

Júbilo, memória, noviciado da paixão. Capa e ilustrações de Anésia Pacheco Chaves. São Paulo: Massao Ohno, 1974.

Da morte. Odes mínimas. Ilustrações de Hilda Hilst. São Paulo: Massao Ohno/Roswitha Kempf, 1980.

Poesia (1959/1979). Capa de Canton Jr.; ilustração de Bastico. São Paulo: Quíron/INL, 1980.

Cantares de perda e predileção. Capa de Olga Bilenky. São Paulo: Massao Ohno/M. Lydia Pires e Albuquerque, 1983.

Poemas malditos, gozosos e devotos. Capa de Tomie Otake. São Paulo:

Massao Ohno/Ismael Guarnelli, 1984.

Sobre a tua grande face. Capa de Kazuo Wakabayashi. São Paulo: Massao Ohno, 1986.

Amavisse. Capa de Cid de Oliveira. São Paulo: Massao Ohno, 1989.

Alcoólicas. Xilogravura da capa de Antônio Pádua Rodrigues; ilustrações de Ubirajara Ribeiro. São Paulo: Maison de Vins, 1990.

Bufólicas. Capa e desenhos de Jaguar. São Paulo: Massao Ohno, 1992.

Do desejo. Capa de João Baptista da Costa Aguiar. Campinas: Pontes, 1992.

Cantares do Sem-Nome e de partidas. Capa de Arcangelo Ianelli. São Paulo: Massao Ohno, 1995.

Do amor. Capa de Arcangelo Ianelli. São Paulo: Edith Arnhold/Massao Ohno, 1999.

FICÇÃO

Fluxo-floema. São Paulo: Perspectiva, 1970.

Qadós. Capa de Maria Bonomi. São Paulo: Edart, 1973.

Ficções. Capa de Mora Fuentes. São Paulo: Quíron, 1977.

Tu não te moves de ti. Capa de Mora Fuentes. São Paulo: Cultura, 1980.

A obscena senhora D. Capa de Mora Fuentes. São Paulo: Massao Ohno, 1982.

Com os meus olhos de cão e outras novelas. Capa de Maria Regina Pilla; desenho da capa de Hilda Hilst. São Paulo: Brasiliense, 1986.

O caderno rosa de Lori Lamby. Ilustrações de Millôr Fernandes. São Paulo: Massao Ohno, 1990; 2ª ed., São Paulo: Massao Ohno, 1990.

Contos d'escárnio. Textos grotescos. Capa de Pinky Wainer. São Paulo: Siciliano, 1990; 2ª ed., São Paulo: Siciliano, 1992.

Cartas de um sedutor. Capa de Pinky Wainer. São Paulo: Pauliceia, 1991.

Rútilo nada. Capa de Mora Fuentes e Olga Bilenky. Campinas: Pontes, 1993.

Estar sendo. Ter sido. Capa de Cláudia Lammoglia; foto da capa de

Catherine A. Krulik, ilustrações de Marcos Gabriel. São Paulo: Nankin, 1997; 2ª ed., São Paulo: Nankin, 2000.

Cascos e carícias: crônicas reunidas (1992/1995). Capa de Cláudia Lammoglia; foto da capa de J. Toledo. São Paulo: Nankin, 1998; 2ª ed., São Paulo: Nankin, 2000.

DRAMATURGIA

Teatro reunido. Capa de Olga Bilenky. São Paulo: Nankin, 2000. v. I.

Teatro reunido. Capa de Olga Bilenky. São Paulo: Nankin, 2001. v. II.

PARTICIPAÇÃO EM COLETÂNEAS

Aguenta coração. In: COSTA, Flávio Moreira da. *Onze em campo e um banco de primeira*. 2ª ed. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 1998. pp. 39-40.

Canto Terceiro, XI (*Balada do Festival*). In: CAMPOS, Milton de Godoy (org.). *Antologia poética da Geração de 45*. São Paulo: Clube de Poesia, 1966. pp. 114-115.

Rútilo nada. In: PALLOTINI, Renata (org.). *Anthologie de la poésie brésilienne*. Tradução de Isabel Meyrelles. Paris: Chandeigne, 1998. pp. 373-381.

Gestalt. In: MORICONI, Ítalo. *Os cem melhores contos brasileiros do século*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2000. pp. 332-333.

Do desejo (fragmentos), *Alcoólicas* (fragmentos). In: MORICONI, Ítalo. *Os cem melhores poemas brasileiros do século*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2000. pp. 289-290, 293-295.

Do desejo (poema XLIX). In: PINTO, José Nêumanne. *Os cem melhores poetas brasileiros do século*. São Paulo: Geração Editorial, 2001. p. 230.

Poeti brasiliani contemporanei. Prefácio e seleção de Silvio Castro. Veneza: Centro Internazionale della Grafica di Venezia, 1997. pp. 64-75.

EM PARCERIA

Renina Katz: serigrafias. Poema de Hilda Hilst. São Paulo: Cesar, 1970.

TRADUÇÕES

PARA O FRANCÊS

Contes sarcastiques – fragments érotiques. Tradução de Maryvonne Lapouge-Pettorelli. Paris: Gallimard, 1994.

L'obscène madame D suivi de le chien. Tradução de Maryvonne La-pouge-Pettorelli. Paris: Gallimard, 1997.

Agda (fragmento). *Brasileiras.* Organização de Clélia Pisa e Maryvonne Lapouge-Pettorelli. Paris: França, 1977.

Sobre a tua grande face. Tradução de Michel Riaudel. *Pleine Marge*, Paris, jul./dez. 1997.

Da morte. Odes mínimas / De la mort. Odes minimes. Edição bilingue. Tradução de Álvaro Faleiros. Ilustrações de Hilda Hilst. São Paulo/Montreal: Nankin/Noroit, 1998.

PARA O ITALIANO

Il quaderno rosa di Lori Lamby. Tradução de Adelina Aletti. Milão: Sonzogno, 1992.

PARA O ESPANHOL

Rútilo nada. De azur. Tradução de Liza Sabater. Nova York, pp. 49-59, jun./ago. 1994.

PARA O INGLÊS

Glittering Nothing. Tradução de David Willian Foster. In: FERREIRA PINTO, Cristina (Edited, with an Introduction and Notes). *Urban Voices – Contemporary Short Stories from Brazil*. New York University Press of America, 1999.

Two Poems. Tradução de Eloah F. Giacomelli. *The Antigonish Review*, Scotia, n. 20, p. 61, 1975.

PARA O ALEMÃO

Briefe eines Verführers. (*Cartas de um sedutor*; fragmento.) Tradução de Mechthild Blumberg. *Stint. Zeitschrift für Literatur*, Bremen, n. 27, ano 15, pp. 28-30, out. 2001.

Funkelndes Nichts. (*Rútilo nada*). Tradução de Mechthild Blumberg. *Stint. Zeitschrift für Literatur*, n. 29, ano 15, Bremen, pp. 54-66, ago. 2001.

Vom Tod. Minimale Oden. (*Da morte. Odes mínimas*). (Odes I, IV, V, VI, VIII, XII, XIX e poemas I e III de “À tua frente. Em vaidade”). Tradução de Curt Meyer-Clason. In: *Modernismo Brasileiro und die brasilianische Lyrik der Gegenwart*. Berlim, 1997.

BIBLIOGRAFIA SELECIONADA
SOBRE HILDA HILST

LIVROS E ARTIGOS EM LIVROS

BRAGA, Dulce Salles Cunha. *Autores contemporâneos brasileiros: depoimentos de uma época*. São Paulo: Giordano, 1996. pp. 126, 147-248. (Memória)

CASTELLO, José. Hilda Hilst – a maldição de Potlatch. In: . *Inventário das sombras*. Rio de Janeiro: Record, 1999. pp. 91-108.

COELHO, Nelly Novaes. A poesia obscura/luminosa de Hilda Hilst e a metamorfose de nossa época; *Fluxofloema* e *Qádos*: a busca e a espera. In: . *A literatura feminina no Brasil contemporâneo*. São Paulo: Siciliano, 1993. pp. 79-101, 210-221.

DUARTE, Edson Costa, MACHADO, Clara Silveira. A vida: uma aventura obscena de tão lúcida. In: HILST, Hilda. *Estar sendo. Ter sido*. São Paulo: Nankin, 1997. pp. 119-124.

MILLIET, Sérgio. Julho 1949 a dezembro 1950. In: _____. *Diário crítico*. São Paulo: Martins, s/d. v. 7, pp. 297-298.

_____. 1955-1956. *Diário crítico*. São Paulo: Martins, s/d. v. 10, pp. 57-60.

QUEIRÓZ, Vera. *Hilda Hilst: três leituras*. Florianópolis: Mulheres, 2000.

SANTOS, Roberto Corrêa dos. Ferocidade das fêmeas. In: . *Tais superfícies: estética e semiologia*. Rio de Janeiro: Otti Editor, 1998. pp. 49-52.

SENA, Jorge de. Trovas de muito amor para um amado senhor – Hilda Hilst. In: . *Estudos de cultura e literatura brasileira*. Lisboa: Edições 70, 1988. pp. 161-162.

_____. Palavras de Jorge de Sena (a propósito de *Trovas de muito amor*

para um amado senhor). In: HILST, Hilda. *Poesia (1959/1979)*. São Paulo/Brasília: Quiron/INL, 1980. pp. 273-274.

VINCENZO, Elza Cunha de. O teatro de Hilda Hilst. In: *Um teatro da mulher*. São Paulo: Perspectiva, 1992. pp. 33-38.

ARTIGOS EM PERIÓDICOS

ABREU, Caio Fernando. Um pouco acima do insensato mundo. *Revista Leia*, São Paulo, fev. 1986.

_____. A festa erótica de Hilda Hilst. *Revista A-Z*, São Paulo, n. 126, 1990.

ARÊAS, Vilma, WALDMAN, Berta. Hilda Hilst – o excesso em dois registros. *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro. 3 out. 1989.

BRASIL, Ubiratan. Uma viagem pelas raras palavras de Hilda Hilst. *O Estado de S. Paulo*, São Paulo, 20 out. 2001. Caderno 2.

BLUMBERG, Mechthild. Entretien avec Hilda Hilst. *Infos Brésil*, Paris, n. 167, mar. 2001.

BUARQUE DE HOLANDA, Sérgio. O fruto proibido. *Folha da Manhã*, São Paulo, 2 set. 1952.

COELHO, Nelly Novaes. A agonia dialética de *A obscena senhora D*. *O Estado de S. Paulo*, São Paulo, 20 mar. 1983.

D'AMBROSIO, Oscar. Guimarães Rosa encontra seu duplo: Hilda Hilst. *O Estado de S. Paulo*, São Paulo, 2 jan. 1987.

FOSTER, David William. Hilda Hilst. *Rútilo Nada, A obscena senhora D, Qadós*. LYON, Ted (ed.). *Chasqui* (Revista de literatura latinoamericana), Texas, v. XXIII, n. 2, pp. 168-170, nov. 1994.

FUENTES, José Luís Mora. Entre a rameira e a santa. *Cult*, São Paulo, n. 12, pp. 14-15, jul. 1998.

GIACOMELLI, Eloah F. The brazilian woman as writer. *Branching Out*, Canadá, v. II, n. 22, mar./abr. 1975.

GIRON, Luís Antônio. Hilda Hilst: ela foi uma boa menina. *O Estado de S. Paulo*, São Paulo, 24 abr. 1988.

- GONÇALVES, Delmiro. O sofrido caminho da criação artística segundo Hilda Hilst. *O Estado de S. Paulo*, São Paulo, 3 ago. 1973.
- INSTITUTO Moreira Salles. *HILDA HILST Cadernos de Literatura Brasileira*, São Paulo, n. 8, out. 1999.
- HILDA HILST, compte rendu de *Contes sarcastiques (Fragments érotiques)*. *Infos Brésil*, Paris, n. 96, out. 1994.
- JOSEF, Bella. Hilda Hilst: o poeta, a palavra e a morte. *Minas Gerais – Suplemento Literário*, Belo Horizonte, 12 dez. 1981.
- JUNQUEIRA, Ivan. Sete faces da embriaguez. *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 27 jun. 1992. Ideias / Livros & Ensaios.
- _____. Hilda Hilst: as trevas luminosas da poesia. *O Estado de S. Paulo*, São Paulo, 14 dez. 1986.
- LEITE NETO, Alcino. Hilda Hilst revela poema inédito de Drummond. *Folha de S. Paulo*, São Paulo, 6 abr. 1991.
- LINDON, Mathieu. Hilda Hilst, la mère des sarcasmes. *Libération – Le cahier livres de libération / littérature étrangère*, Paris, 17 nov. 1994. p. 6.
- MARTINS, Wilson. A provocadora. *O Globo*, Rio de Janeiro, 14 ago. 1999.
- MASSI, Augusto. Singular senhora. *Leia Livros*, São Paulo, out. 1983.
- _____. Hilda Hilst, 'tecelã de um texto total'. *Correio Popular*, Campinas, 5 jun. 1984.
- MORAES, Eliane Robert. A obscena senhora Hilst. *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 12 maio 1990. Ideias / Livros.
- MOURA, Diógenes. A clausura de Hilda Hilst. *República*, São Paulo, jun. 1997.
- OLIVIERI-GODET, Rita, RIAUDEL, Michel. Introduction à *Sur ta grande face*. *Pleine Marge*, Paris, n. 25, maio 1997.
- QUINLAN, Susan-Canty. O exílio fictício em *A obscena senhora D* de Hilda Hilst. *Revista de Crítica Literária Latino-americana*, Berkeley, 1994.
- RIAUDEL, Michel. Contes sarcastiques (fragments érotiques). *Infos Brésil*, Paris, n. 96, out. 1984.
- _____. *L'obscène madame D suivi de le chien*. *Infos Brésil*, Paris, n. 127, pp. 20-21, jul./set. 1997.
- RIBEIRO, Leo Gilson. O vermelho da vida. *Veja*, São Paulo, 24 abr. 1974.
- _____. Punhal destemido. *Revista Leia*, São Paulo, jan. 1987.

ROSENFELD, Anatol. O teatro de Hilda Hilst. *O Estado de S. Paulo*, São Paulo, 21 jan. 1969. Suplemento Literário.

SUSSEKIND, Flora. Corpo e palavra. *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 4 jun. 1977.

SECRETARIA da Cultura do Estado de Minas Gerais. A escrita-vertigem de Hilda Hilst. *Suplemento Literário do "Minas Gerais"*, Belo Horizonte, n. 70, abr. 2001.

TEIXEIRA, Maria de Lourdes. Balada do festival. *Jornal de Letras*, 29 set. 1955.

VASCONCELOS, Ana Lúcia. Hilda Hilst: a poesia arrumada no caos. *Folha de S. Paulo*, São Paulo, 19 set. 1977.

WERNECK, Humberto. Hilda se despede da seriedade. *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 17 fev. 1990.

WEINTRAUB, Fabio. Poeta se mantém fiel a temas e imagens. *O Estado de S. Paulo*, São Paulo, 17 ago. 1996.

WILLER, Cláudio. Pacto com o hermético. *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 17 fev. 1990.

DISSERTAÇÕES E TESES

AZEVEDO FILHO, Deneval Siqueira de. *Holocausto das fadas: a trilogia obscena e o carmelito bufônico de Hilda Hilst*. (Mestrado em Teoria Literária). São Paulo, Universidade Estadual de Campinas, 1996.

BORSERO, Cássia Rossana. *A mãe dos sarcasmos*. (Bacharelado em Comunicação Social). São Paulo, Universidade de São Paulo, 1995.

CHIARA, Ana Cristina de Rezende. *Leituras malvadas*. (Doutorado em Literatura Brasileira). Rio de Janeiro, Pontifícia Universidade Católica, 1996.

GRANDO, Cristiane. *"Amavisse" de Hilda Hilst. Edição genética e crítica*. (Mestrado em Língua e Literatura Francesa). São Paulo, Universidade de São Paulo, 1998.

MACHADO, Clara Silveira. *A escritura delirante em Hilda Hilst*. (Doutorado em Comunicação e Semiótica). São Paulo, Pontifícia Universidade Católica, 1993.

MAFRA, Inês da Silva. *Paixões e máscaras: interpretação de três narrativas de Hilda Hilst*. (Mestrado em Literatura Brasileira e Teoria Literária). Florianópolis, Universidade Federal de Santa Catarina, 1993.

TODESCHINI, Maria Thereza. *O mito em jogo: um estudo do romance A obscena senhora D, de Hilda Hilst*. (Mestrado em Literatura Brasileira e Teoria Literária). Florianópolis, Universidade Federal de Santa Catarina, 1993.

YONAMINE, Marco Antônio. *Arabesco das pulsões: as configurações da sexualidade em A obscena senhora D, de Hilda Hilst*. (Mestrado em Teoria Literária e Literatura Comparada). São Paulo, Universidade de São Paulo, 1991.

CRONOLOGIA

1930, 21 de abril – Hilda Hilst nasce em Jaú (SP), às 23h45, numa casa da rua Saldanha Marinho. Filha de Bedecilda Vaz Cardoso, imigrante portuguesa, e de Apolônio de Almeida Prado Hilst, fazendeiro de café, escritor e poeta.

1932 – Bedecilda separa-se de Apolônio, mudando-se para Santos (SP) com Hilda e Ruy Vaz Cardoso, filho do primeiro casamento. É o início da Revolução Constitucionalista e, durante a viagem, ao passarem por Campinas, a Estação Ferroviária Mogiana está sendo bombardeada. Em Santos, instalam-se na avenida Vicente de Carvalho, nº 32.

1934 – Hilda recebe pela primeira vez, em Santos, a visita do pai.

1935 – Cursa o jardim da infância no Instituto Brás Cubas, na cidade de Santos. Em Jaú, Apolônio é diagnosticado esquizofrênico paranoico.

1937 – Ingressa como aluna interna do Colégio Santa Marcelina, em São Paulo (SP), onde cursará o primário e o ginásial, com desempenho considerado brilhante. Nesse ano a mãe lhe revela a doença de Apolônio. A intensidade da revelação e os poucos encontros que terá com o pai acentuam sua imagística da figura paterna, que se configura um dos principais componentes de sua obra literária.

1944 – Ao concluir o ginásial, passa a morar na residência de Ana Ivanovna, situada à rua Alemanha, no Jardim Europa, em São Paulo.

1945 – Começa o secundário – que na época incluía o “clássico” e o “científico” – no Instituto Presbiteriano Mackenzie, onde permanece até a conclusão do curso. Nesse ano conhece a futura arquiteta Gisela Magalhães, sua grande amiga.

1946 – Segundo encontro com o pai, quando o visita na Fazenda Olhos d’Água, no

município de Itapuí, próximo a Jaú. Muda-se com sua governanta para uma casa situada à rua Teixeira de Souza.

1948 – Entra na Faculdade de Direito do Largo São Francisco, da Universidade de São Paulo.

1949 – Numa homenagem a Cecília Meirelles, no Salão de Chá da Casa Mappin (ainda situada na praça do Patriarca, em São Paulo), conhece a escritora Lígia Fagundes Telles, com quem mantém profunda amizade.

1950 – Publica seu primeiro livro de poesia, *Presságio*, chamando a atenção da crítica especializada por já apresentar marcas de uma poética pessoal.

1951 – Publica seu segundo livro de poesia, *Balada de Alzira*. É nomeada curadora do pai.

1952 – Recebe o diploma de bacharelado em Direito.

1953 – Trabalha no escritório de advocacia do dr. Abelardo de Souza, em São Paulo.

1954 – Demite-se do escritório, abandonando a carreira por absoluta incompatibilidade com a profissão, optando pela literatura. Viaja à Argentina e ao Chile com a amiga Thêa Müller Carioba. Muda-se para o apartamento da mãe, no parque Dom Pedro II, em São Paulo.

1955 – Publica *Balada do festival* (poesia).

1957 – Viaja à Europa com as amigas Regina Morganti, Marina de Vincenzi e Dorotéa Merenholz, permanecendo por seis meses em Paris. Ainda na França, conhece Nice e Biarritz. Vai para Itália (Roma) e Grécia (Atenas e Creta). Voltando ao Brasil, muda-se para apartamento na alameda Santos, nº 2384, São Paulo.

1959 – Publica *Roteiro do silêncio* (poesia).

1960 – Publica *Trovas de muito amor para um amado senhor* (poesia). Viaja para Nova York e Paris. Muda-se para uma casa no bairro do Sumaré, São Paulo. Adoniran Barbosa, inspirado nas poesias da autora, compõe as músicas *Quando te achei* e *Quando tu passas por mim*. O músico José Antônio de Almeida Prado, seu primo, compõe a *Canção para soprano e piano*, inspirada em poema desse

livro.

1961 – Publica *Ode fragmentária* (poesia). O músico Gilberto Mendes compõe a peça *Trova I*, inspirada no primeiro poema de *Trovas de muito amor para um amado senhor*.

1962 – Recebe o Prêmio Pen Clube de São Paulo, com a publicação de *Sete cantos do poeta para o anjo*. Conhece o físico nuclear Mário Schemberg no Clube dos Artistas (ou Clubinho), localizado à rua 7 de Abril, frequentado por intelectuais e artistas. O poeta português Carlos Maria de Araújo, seu amigo pessoal, presenteia Hilda com o livro *Lettre au Greco*, de Nikos Kazantzakis. O livro se transforma num divisor de águas na vida da escritora, sendo um dos principais motivadores de sua futura mudança de São Paulo.

1963 – Conhece o escultor Dante Casarini.

1964 – Hospeda em sua residência Mário Schemberg, que, por suas ligações com a esquerda, era perseguido pela Delegacia de Ordem Política e Social (DOPS).

1965 – Em companhia de Dante Casarini, muda-se para a sede da fazenda São José, de propriedade de sua mãe, em Campinas. Inicia a construção de sua casa, próximo à sede.

1966, 24 de setembro – Morte do pai. Na época, Hilda já se transferira para a nova residência, que denominou “Casa do Sol”. A casa seria frequentada por artistas das várias áreas, transformando-se num centro de fomento cultural nas décadas de 1970 e 1980.

1967 – Começa a escrever suas peças teatrais. Nesse ano concluirá *A empresa (A possessa)* e *O rato no muro*. Publica *Poesia (1959/1967)*.

1968, 10 de setembro – Casa-se com Dante Casarini. Nesse ano escreve as peças *O visitante*, *Auto da barca de Camiri*, *O novo sistema* e inicia *As aves da noite*. Conhece os escritores Caio Fernando Abreu, que passa a morar na Casa do Sol, e José Luís Mora Fuentes. Na praia de Massaguaçu, próximo a Caraguatatuba, no litoral paulista, inicia a construção da casa que denomina “Casa da Lua”, a qual concluiria no ano seguinte e onde passaria algumas temporadas. As peças *O visitante* e *O rato no muro* são encenadas no Teatro Anchieta, em São Paulo, como exame dos alunos da Escola de Arte Dramática da Universidade de São Paulo.

1969 – Finaliza, na Casa da Lua, *As aves da noite* e escreve *O verdugo* e *A morte do patriarca*, concluindo sua dramaturgia que, com exceção de *O verdugo*, permaneceria inédita em livro até o ano 2000. Escreve *Ode descontínua e remota para flauta e oboé* (poesia), posteriormente publicada como parte do livro *Júbilo, memória, noviciado da paixão*. Inicia sua ficção com o texto “O unicórnio”. Recebe o Prêmio Anchieta de Teatro com a peça *O verdugo*. Caio Fernando Abreu muda-se para o Rio de Janeiro. José Luís Mora Fuentes muda-se para a Casa do Sol. O músico José Antônio de Almeida Prado, inspirando-se nos poemas *Pequenos funerais cantantes ao poeta Carlos Maria de Araújo*, incluídos posteriormente em *Poesia (1959/1979)*, compõe *Pequenos funerais cantantes*. *O rato no muro* participa do Festival de Manizales, na Colômbia. Estreia de *O novo sistema* em São Paulo.

1970 – Publica seu primeiro livro de ficção *Fluxo-floema*. Os críticos literários Leo Gilson Ribeiro, Anatol Rosenfeld e Nelly Novaes Coelho são os primeiros a reconhecer a importância dessa prosa inovadora.

1971, 31 de maio – Falecimento de sua mãe.

1972 – Estreia de *O verdugo* em Londrina (PR).

1973 – Lança seu segundo livro de ficção, *Qadós*. A leitura de *Telefone para o além*, livro do pesquisador sueco Friedrich Jürgenson, leva-a à singular experimentação – que se estenderia por sete anos – na qual, por meio de um gravador, registra vozes de origem inexplicável pela ciência. Comunica a pesquisa aos físicos César Lattes e Newton Bernardes, seus amigos. Este último lhe diz: “Isso, sendo verdade, teríamos que sentar na calçada e repensar toda a física”. *O verdugo* estreia em São Paulo.

1974 – Publicação de *Júbilo, memória, noviciado da paixão* (poesia).

1976 – Conhece a artista plástica Olga Bilenky, capista de alguns de seus livros.

1977 – Ganha o Prêmio da Associação Paulista dos Críticos de Arte (APCA), na categoria “Melhor Livro do Ano”, com *Ficções*. Olga Bilenky muda-se para a Casa do Sol.

1980 – Primeira edição de *Da morte. Odes mínimas* (poesia). Publica também *Poesia (1959/1979)* e *Tu não te moves de ti* (ficção). Estreia de *As aves da noite* em São Paulo.

1981 – Ganha, da APCA, o Grande Prêmio da Crítica pelo conjunto de sua obra.

1982 – Participa do Programa do Artista Residente, subsidiado pela Universidade Estadual de Campinas (Unicamp). Na mesma universidade, ministra aula inaugural com o físico Mário Schemberg e o médico José Aristodemo Pinotti. Lança *A obscena senhora D*, novela que inicia nova fase de sua ficção.

1983 – Publica *Cantares de perda e predileção* (poesia), com o qual receberá no ano seguinte o Prêmio Jabuti, da Câmara Brasileira do Livro.

1984 – Lança *Poemas malditos, gozosos e devotos* (poesia).

1985, 26 de abril – Divorcia-se de Dante Casarini, que continuará morando na Casa do Sol até 1991. Nesse ano ganha o Prêmio Cassiano Ricardo, do Clube de Poesia de São Paulo, com o livro *Poemas malditos, gozosos e devotos*.

1986 – Publicação de *Sobre tua grande face* (poesia) e *Com os meus olhos de cão e outras novelas* (ficção).

1989 – Lança *Amavisse* (poesia).

1990 – Publica *Alcoólicas* (poesia) e os dois primeiros títulos da sua trilogia erótica, *O caderno rosa de Lori Lamby*, que a princípio escandaliza a maior parte da crítica, e *Contos d'escárnio/Textos grotescos*, igualmente perturbador para boa parte de seus leitores.

1991 – Lança *Cartas de um sedutor*, encerrando sua trilogia erótica. Apesar de a trilogia representar menos de um décimo da sua obra, Hilda passa a ser erroneamente considerada, por parte da crítica, como escritora essencialmente erótica. Conhece o escritor e crítico literário Edson Costa Duarte, que logo se muda para a Casa do Sol. Estreia, em São Paulo, a peça *Matamoros*, adaptação teatral de texto homônimo que se encontra no livro *Tu não te moves de ti*.

1992 – Publica *Bufólicas* (poesias satíricas) e *Do desejo* (poesias). Aceita o convite de Wilson Marini, editor no “Caderno C” do jornal *Correio Popular*, de Campinas, e inicia sua atuação como cronista. Tradução para o italiano de *O caderno rosa de Lori Lamby*.

1993 – Lança *Rútilo nada* (ficção), com o qual ganhará no ano seguinte o Prêmio Jabuti. Estreia, no Rio de Janeiro, a adaptação teatral de *A obscena senhora D*.

1994 – Tradução para o francês de *Contos d'escárnio/Textos grotescos*.

1995 – Seu arquivo pessoal é comprado pelo Centro de Documentação Alexandre Eulálio do Instituto de Estudos da Linguagem da Unicamp. Desliga-se do *Correio Popular* e encerra suas atividades como cronista. Fim do Programa do Artista Residente. Lança *Cantares do Sem-Nome e de partidas* (poesia). Estreia, em São Paulo, a adaptação teatral de *Cartas de um sedutor*.

1996 – O maestro José Antônio de Almeida Prado, inspirado em *Cantares do Sem-Nome e de partidas*, compõe *Cantares do Sem-Nome e de partidas para canto e piano*.

1997 – Publicação, em francês, do volume contendo *A obscena senhora D* e o conto “Com os meus olhos de cão”. Publica *Estar sendo. Ter sido* (ficção) e anuncia seu afastamento do trabalho literário.

1998 – Lançamento de *Cascos e carícias: crônicas reunidas (1992/1995)* e reedição de *Da morte. Odes mínimas*.

1999 – Publica *Do amor* (poemas escolhidos). Estreia, em São Paulo, a adaptação de *O caderno rosa de Lori Lamby*. Inaugura página na Internet (<http://www.hildahilst.cjb.net>), idealizada pelo amigo Yuri Vieira Santos, escritor e webdesigner.

2000 – Lança *Teatro reunido (volume I)*. Reedição de *Estar sendo. Ter sido e Cascos e carícias*. Estreia, em Brasília, a adaptação teatral de *Cartas de um sedutor*. Inauguração, em dezembro, da “Exposição Hilda Hilst 70 anos”, evento criado pela arquiteta Gisela Magalhães no Sesc Pompeia, em São Paulo.

2001 – Estreia, no Rio de Janeiro, a adaptação teatral de *Cartas de um sedutor*. A Editora Globo passa a ser responsável por toda sua obra publicada.

2003 – Agraciada pela Associação de Críticos de Arte (APCA) com o Grande Prêmio da Crítica pela reedição de suas *Obras completas*.

2004, 4 de fevereiro – Hilda Hilst falece em Campinas (SP).